N.º 26 ★ 28-6-51

Cr$ 3,00
em todo o Brasil

A CENA muda



CINEMA
RÁDIO
MÚSICA
NOVIDADES




AT. SEMOG
INSINUANTE
ESTÁ FESTEJANDO
SÃO JOÃO
COM UMA TREMENDA
LIQUIDAÇÃO
ESTA SIM!
É QUE É
A MAIOR!
45.000
PARES QUE VÃO
SER QUEIMADOS
POR QUALQUER
PREÇO
insinuante
É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA
DA AMERICA LATINA E É TAMBEM
UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO.
CARIOCA 46·48 – SETE DE SETEMBRO 199·201

BRANCO NO PRETO

A peça de Henrique Pongetti, "Manequim", em apresentação no Teatro Copacabana, é fraca. Muito fraca mesmo. O autor de "Amanhã Se Não Chover" e delicioso cronista do vespertino "O Globo", pretendendo fazer um "ameno estudo social" do atual ambiente carioca, em tom de sátira, não vai além de uma comèdiazinha banal e sem grandes resultados. O que êle nos promete no primeiro ato, com algumas risadas sadias, vai por água abaixo nos atos subsequentes. Beatriz de Toledo está bem escolhida, no papel de um manequim. Jardel Jércolis está deslocado. Nelson Vaz está muito bem. Contudo, a grã-finagem da zona sul tem assinado o ponto como quem deseja se mirar num espelho. Um espelho que não dá, absolutamente, uma boa imagem...



AS balas e doces vendidos na bomboniére do cinema Roxy têm um ligeiro sabor de barata. E' preciso renovar o estoque de doces a fim de não contaminar os espectadores. Ou, então empacotar baratas e vendê-las, sem enganar o público. Ao menos assim as balas serão mais baratas.



UMA prova evidente do desajustamento sentimental do povo carioca são os cada vez mais numerosos programas radiofônicos que procuram desvendar os segredos da alma humana, através de consultas cretiníssimas em programas insípidos. Desde a manhã até à noite, diàriamente, podemos ouvir através das ondas de Hertz os mais comezinhos problemas expostos ao público ouvinte, alguns mesmo em tom de deboche. Será que não existem produtores para criar programas? Nesse caso, senhores, por que não se utilizam do processo primitivo de audições musicais por meio de discos? Muito mais proveitoso. A música ainda é o maior remédio para as almas doentes. E guardem os seus preciosos conselhos.



DUAS vozes bonitas no meio da rouquidão da maioria das cantoras do nosso "broadcasting": Neusa Maria e Elizete Cardoso.



UM registro: Vinicius de Morais, de regresso dos Estados Unidos, assumiu o cargo de crítico cinematográfico de "Última Hora", o novo vespertino carioca. Vale a pena lê-lo. Delicioso.



UM absurdo. Nos dias quentes, o público procura os cinemas refrigerados para fugir ao calor. Resultado: um bruto resfriado, ao entrar. Nos dias frios, também procura o cinema para fugir ao frio. Resultado: um bruto resfriado, ao sair. Pois os aparelhos mantêm-se todos desligados. Conclusão: a economia é a base do resfriado.

Cinema ★ Rádio ★ Teatro ★ Música

A VERDADE SÔBRE A MARISTELA

A notícia estourou como uma bomba e o ruído da explosão veio até o Rio: Mário Civeli saiu da Maristela! O homem que ergueu o grande monumento de Jaçanã era afastado de suas atividades, a fim de não levar o grande empreendimento à bancarrota. Vinte milhões haviam sido gastos e a família Audrás começou a ficar com receio. Os boatos corriam cidades e as versões sôbre o afastamento de Civeli começaram a tomar vulto. Nenhuma opinião favorável. Seus inimigos tentavam desmoralizá-lo. Não obstante, muita gente mais estava sendo despedida. Chegava a trezentos o número de funcionários dispensados.

A coisa estava nesse pé, quando chegamos a São Paulo para ver de perto o quanto de verdadeiro encerravam estas notícias. Ouvimos tôdas as fontes possíveis. Nos jornais, estava sendo iniciada uma campanha contra a administração da Maristela. Civeli era combatido e seu sucessor, sr. Benjamin Finemberg, era atacado violentamente. Previa-se, pela situação das notícias e dos rumores, que o grande estúdio iniciado estava às vésperas de um colapso. Começamos a colhêr informações diretamente nas fontes interessadas e mais ligadas à companhia. De início, o sr. Mário Audrás, diretor-gerente da Maristela, declarou nada haver contra o sr. Mário Civeli, que era, aliás, um homem honestíssimo e empreendedor e de uma capacidade extraordinária de trabalho. Além do mais, se foi gasto muito dinheiro, tudo foi prèviamente visado e tinha o seu consentimento. Quanto ao sr. Civeli, a versão dada foi a mesma. Êle aguarda apenas os acontecimentos. O sr. Benjamin, por sua vez, resolveu tomar medidas de urgência, limitando os gastos da companhia. Embora indispensáveis, muitos elementos, foi reduzida de forma alarmante a fôlha de pagamento da companhia, tendo sido indenizados todos os funcionários. Se houve erros do sr. Civeli, em gastos abusivos, em próprio benefício da companhia, ninguém pode negar que as reduções têm sido também abusivas, e em próprio benefício da companhia também. Na imprensa paulista, alguns críticos fazem ataques e apontam o caminho a seguir. Certos ou errados, são homens que demonstram uma boa-fé, para preservar um emprendimento de tal vulto, em próprio benefício do cinema nacional. Todos têm razão, cada qual dentro do seu ponto-de-vista. E, enquanto isso, a Maristela tenta recompor-se, tenta entrar no rumo certo. Seus estúdios estão aparentemente desertos. Seus homens, dentro de um barco que está sôlto no meio do mar, tentam lutar contra a calmaria. Em nove meses de existência, a Maristela entra agora em sua quinta produção: "A Fera Está Desperta". Embora reduzido o ritmo de trabalho, procura-se uma solução para uma nova administração. Ninguém é inimigo de ninguém, apenas está havendo mal entendidos.. O sr. Mário Audrás é combatido injustamente. Êle, mais do que ninguém, está interessado em levar tudo adiante, e o fará certamente. O monstro de Jaçanã continua firme. Falta-lhe movimento, vida. Todo mundo tem razão. Ou ninguém tem. A grande máquina já está construida, graças a Mário Civeli. Falta-lhe apenas a manivela para impulsioná-la. Estuda-se lentamente o problema. Com cuidado, com carinho. Duas lutas são travadas: suportar as bosbas inimigas que lhe são arremessadas e abrir o terreno para o caminho da vitória. Pacientemente, sem mêdo, mas com um certo receio, a Maristela enfrenta corajosamente a luta. E tudo entrará novamente em seu ritmo normal. Assim esperamos.

leon elia:har

O VERDADEIRO GÊNIO DO CINEMA



CHAPLIN - O HAMLET DO SECULO XX

De ALBERTO CONRADO
(Especial para «A CENA)

Hollywood, junho — Em meio a mediocridade e falsidade da cidade do cinema encontramos na pessoa de Chaplin, o verdadeiro, o único gênio produzido pela cinematografia. Falar com Carlitos não é nada fácil. Andamos três dias a esmo pelas ruas e estúdios de Hollywood procurando a forma mais diplomática e convincente de sermos introduzidos na sua fortaleza, os estúdios que possui em Los Angeles. Justiça seja feita nesta reportagem a mister Cohen, da 20th Century Fox, que, valendo-se da sua amizade com o famoso comediante, conseguiu que nos atendesse.. Fê-lo nos seus próprios estúdios porém não permitiu que entrassemos no interior do mesmo. Sidney, irmão de Chaplin, e um dos seus diretos colaboradores, enquanto não aparecia seu irmão, ia-nos contando alguma coisa acêrca do trabalho de Charles. Ficamos sabendo que Chaplin emprega dois meses para fazer um filme de seiscentos metros e utiliza para o mesmo mais de doze mil metros de película virgem, o que é o mesmo que dizer que cada cena foi filmada mais de vinte vêzes. Sidney não teve mais tempo de seguir contando, pois já vinha Chaplin vestido simplesmente com roupa proletária e um livro debaixo do braço. Sidney apresentou-nos a Chapin. Estavamos diante do criador de "Behind the Screen", "O emigrante", "O vagabundo", "Tempos Modernos", "A quimera de ouro", "Luzes da cidade", "Monsieur Verdoux", e tantas outras obras primas, com as quais Chaplin tem chegado a completa madurez de seu talento, ao por de manifesto a alta qualidade humana dêsse maravilhoso personagem que êle criou à imagem e semelhança do homem, sem esquecer, entretanto, L'infini que vous en vous baudelariano. Chaplin, como ente universal se revela sempre contra a violência como método, contra os meis de terror que se apoderam pelo mêdo da alma das pessoas. Chaplin tem visto a amargura humana, e por isso lança aos ares o "clown" eterno, cheio de doçura, inadaptado numa sociedade cheia de inuteis rancores, sempre disposto com o sorriso a exercer a suprema magistratura da conciliação. Não é tampouco o herói que oferece a cara ao Destino, porque sabe que na moderna picaresca do século, no mito da grande cidade, em todos os becos sem saída, cidadões que vivem à sombra do luxo e do capitalismo, sòmente está reservado o fracasso àquêles que, como êle, estão limpos de coração. E nessa atitude fugida, no seu pessimismo inevitável, está o símbolo de tôda reflexão poética que possa haver em nosso tempo.

Por isso, quando se exploram os meios mais reprováveis de suscitar a emoção das massas, Chaplin é o único que lhes leva a eterna caridade do sorriso, a consciente emancipação da besta humana ao falar nêsse doce esperanto da compreensão, do amor entre todos os seres do mundo.

COMO CHAPLIN ENCONTROU SEU TIPO

Suas botas miseráveis, dignas de ser pintadas por Van Gogh, a típica calça em forma de acordeon, sua impertinente bengalinha, sua roupa encolhida, seu incorrigível dandismo, formam o uniforme social do vagabundo, objetivo das iras da sociedade, a qual olha com expressão melancólica onde parecem saltar-lhe os olhos das órbitas, enquanto sua educação esmeradíssima cai nos mais ridículos extremos. A êste personagem tem vivido agarrado Chaplin tôda sua vida. Queriamos saber do genial homem de cinema como encontrara êsse tipo. E é com plena satisfação interior e exterior que o comediante responde:

"O modêlo artístico de meus filmes se deve a um cocheiro de Londres que ao andar sempre bêbedo me deu a inspiração. Eu tinha visto aquêle tipo diàriamente em Lambeth Walk. O seguia e o observava. Aquêle bom homem interessou-me e foi êle quem me indicou o caminho até o tipo que, finalmente, encontrei em mim mesmo".

— Diga-me Mr. Chaplin, qual é o segrêdo de fazer rir ao seu público?

"Em tôdas as partes onde tenho encontrado gente que me pergunta o segrêdo de fazer rir ao meu público me tenho encontrado violento e tenho tratado de fugir a pergunta. Não existe maior mistério na minha arte cinematográfica do que na de Harry Lauder, para fazer rir aos espectadores. O que existe, é que nós dois sabemos algumas simples verdades sôbre o carácter do homem e nos servimos delas para nosso ofício. No fundo de todo êxito não existe mais que um conhecimento da natureza humana e o mesmo o pode obter um hoteleiro, um comerciante ator ou editor".

Em que consiste a base de ridículo de situações de seus filmes?

"Ao assim proceder eu trato sempre de economizar meus meios. Quero dizer com isto quando um só acontecimento pode provocar por si mesmo duas explosões de risada separada. Em "The aventure", consegui isso, por exemplo, colocando-me num balcão, no qual comia um sorvete enquanto conversava com uma senhorita. No andar debaixo coloco uma senhora gorda, respeitável e bem vestida. Então, ao comer o sorvete, deixo cair uma colher que desliza pela minha calça e vem a cair sôbre o pescoço da respeitável dama. A primeira explosão de riso é determinada pelos meus próprios gestos; a segunda surge ao ver que chega a colher gelada ao pescoço da dama, quem dá um grito e põem-se a dar saltos. Por simples que isto pareça, existem enfocados nêste feito dois elementos de natureza humana; um é o prazer que proporciona ao público ver vexado o luxo e a riqueza; outro, a tendência do público ao sentir as mesmas emoções que o ator simula sentir sôbre a tela. Uma das coisas que mais ràpidamente se aprende no teatro é que o público se encanta que a gente rica leve a pior parte, o que provêm de que as nove décimas partes dos humanos são pobres e interiormente invejosos das riquezas da minoria. Se, pelo contrário, eu tivesse deixado cair a colher com o sorvete no pescoço de uma pobre mulher, em lugar do riso, o fato teria provocado uma certa simpatia pela mulher. Deixar cair um sorvete no pescoço de uma rica não é, no espírito do público, senão que proporcionar-lhe o que merece".

A ORIGEM DE ALGUNS FILMES

— Ouvimos dizer Mr. Chaplin que repetidas vêzes se mistura entre a plateia dos teatros e cinemas para estudar as reflexões do público ante as situações cômicas.

Êsse estudo tem-lhe servido muito para a confeção de seus filmes?

"O que dizem é verdade. Ao mesmo tempo que observo o público num teatro ou cinema o faço para encontrar idéias de cenas cômicas. Um dia passava por diante de um quartel de bombeiros no momento que se dava o sinal de alarme. Deti-me para observar o trabalho que se produzia. Segui aos bombeiros e os vi manobrar para extinguir o incêndio. Imediatamente se me ocorreram tôda uma série de possibilidades cômicas. Vi-me deitado, ignorando o alarme. Vi-me deslizando-me pela escada, salvando a heroína, caindo encima da bomba. Mais tarde tôdas minhas observações serviram-me para fazer "The Fireman" (O bombeiro). Noutra ocasião via uma escada mecânica de um grande armazem e me perguntava como poderia utilizar isto num filme. Finalmente o tomei como base para

Não existe mistério para fazer rir o público. Chaplin obtem o riso sempre por um ato inteligente.



Chaplin é o eterno clown inadaptado numa sociedade cheia de inúteis rancores e falsidades ilimitadas.



Saber algumas verdades sôbre o carater dos homens e servir-se delas para o cinema é atributo dos talentos.



ENCONTRO COM CARLITOS ★ SENSACIONAIS CONFIDÊNCIAS DO "CLOWN" ETERNO, NUMA ENTREVISTA MEMORÁVEL ★ "O CONHECIMENTO DO HOMEM É A BASE DO ÊXITO" ★ UMA DAS PERSONALIDADES MAIS INTELIGENTES DA ÉPOCA ★ A PROIBIÇÃO DE FOTOS.

"The Floorwalker". Olhando um "match" de box, tive a idéia de "Champion Charlie". Numa palavra, tenho tirado partido da vida ordinária, seja pelos personagens, seja pelas coisas cômicas. Um dia, por exemplo, estava num restaurante e notei que um homem, sentado numa mesa a certa distância, me sorria e saudava. Eu lhe respondi muito amavelmente. Um minuto depois sorriu de novo, porém ao responder-lhe se lhe notava um gesto de suprêsa e mal humor desconcertante. Por fim pude ver, ao trocar de posição, que o cavalheiro em questão estava flertando com uma jovem sentada justamente às minhas costas. Meu êrro fêz-me rir e mais tarde o utilizei em "The Cure".

— Temos observado ao largo de sua carreira cinematográfica que você emprega sempre o recurso do contraste entre as coisas e os homens. Que o tem levado a seguir essa linha de conduta?

"Êsse é outro ponto de humanidade que eu emprego freqüentemente pois a tendencia do público é a de amar os contrastes. E' bem sabido que o público ama a luta entre o bem e o mal, o rico e o pobre, que gosta enfim de rir e chorar, tudo em poucos minutos. Para o público o contraste motiva o interêsse e por isso me sirvo do contraste freqüentemente. Se eu sou perseguido por um polícia, procuro que o mesmo seja corpulento e com cara severa, enquanto eu, deslizando-me por entre as pernas, apareço ligeiro e acrobata. Se sou maltratado é sempre **por um homem colossal** de forma que o **contraste com a minha** debilidade me traga as simpatias do público e sempre trato de fazer contrastar o sério de minhas maneiras com o ridículo do interêsse".

A "SURPRÊSA" NOS FILMES DE CHAPLIN

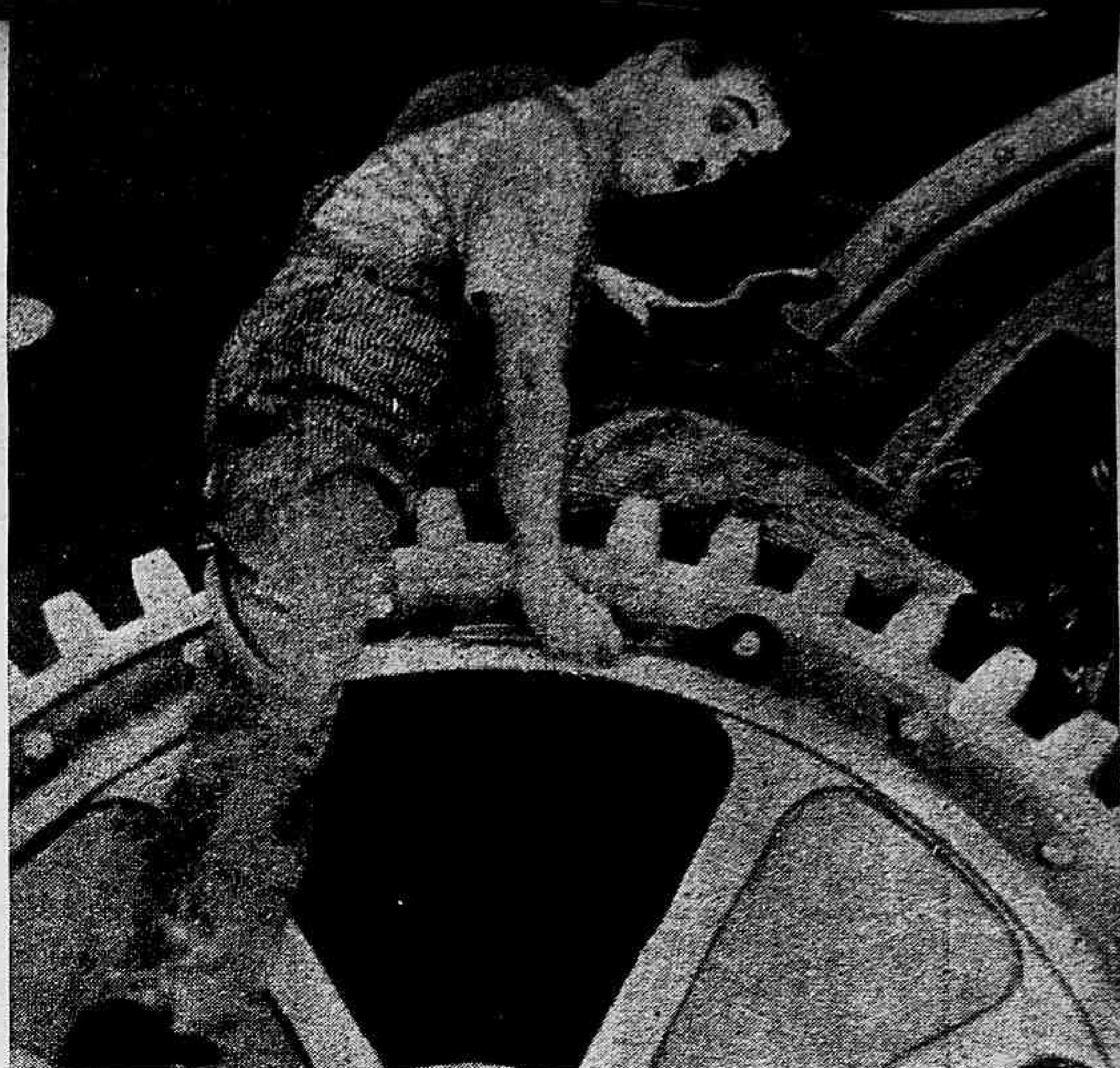
"Em igual situação que o contraste coloco a surprêsa. Não se entenda que procuro completamente a surprêsa na composição geral de meus filmes, senão que me esforço por vencer meus gestos pessoais, de forma que êles mesmos se transformem numa suprêsa. Se tenho a convicção de que o público me vê percorrendo a rua a pé, dou um súbito salto para uma carruagem. Se quero chamar a atenção de alguém, em lugar de dar-lhe um golpe nas costas ou de chamar-lhe, passo a bengalinha pelo seu braço e o trago para mim gentilmente. Imaginar a reação do público e fazer o contrário é para mim um verdadeiro prazer".

— Diga-nos, Chaplin, é facil fazer um filme cômico?

"Quisera que o senhor pudesse seguir a marcha de um filme desde que se imagina até o momento de terminá-lo. Com freqüência fico assombrado do total considerável de filme que se me torna necessário fazer para obter uma só realização. As vêzes, setenta mil pés para obter os dois mil que chegam ao público. Se necessitariam vinte horas para projetar na tela os sesenta mil pés, e tôda essa quantidade de filme se impressiona para chegar a uma projeção de vinte minutos. Algumas vêzes me apercebo do quanto tenho trabalhado penosamente uma idéia a qual não tem tomado forma no meu espírito e por conseqüência não está a ponto de ser filmada; imediatamente a abandono para passar para outra. Considero que é necessário não perder o tempo numa coisa que se apresenta mal. E' necessário concentrar tôda a energia no que se faz mas se por casualidade não se acerta, tendo feito nós todo o possível, há que abandonar a idéia durante uma temporada voltando mais tarde sôbre ela se é que se tem confiança. Êste é o sistema que sempre tenho empregado para trabalhar".

Durante seu trabalho deixa-se levar as vêzes pelas opiniões de seus colaboradores?

No meu trabalho não tenho mais confiança do que no meu próprio juizo. Algumas vêzes os que se encontravam ao redor da máquina se divertiam extraordinàriamente com certas cenas e, entretanto, eu as tenho repelido por encontrá-las pouco interessantes. E não é porque me julque mais fino de espírito que os que me rodeiam.



No mito da grande cidade os cidadãos que vivem à sombra do capitalismo estão fadados ao fracasso.

Meu fotografo e meus ajudantes estão de tal forma habituados ao meu trabalho que nem sequer riem. Apezar de tudo, se eu me engano, riem com vontade, o que pudera fazer-me crêr nalgum caso que encontravam a cena cômica. Isto me aconteceu varias ocasiões.

Finalmente Mr. Chaplin, você nunca é partidário das exagerações nas situações cômicas. Por que?

Uma das coisas de que mais desconfio é a exageração ou da insistência num ponto particular. Se abusasse demasiado de meu modo de estar em cena, se exagerasse demasiadamente meu esfôrço para atirar um homem corpulento ao chão, a gente não ria.

Restringir-se é uma coisa muito importante, não sòmente para o ator, senão para todo o mundo. Restringir-se o temperamento, os apetites, os maus costumes. Uma das razões que me fazem recordar com carinho os primeiros filmes que filmei é que nêles era dificil restringir-se. Um ou dois pastéis lançados a cara de um ator fazem rir. Mas quando depende só dos pastéis o filme resulta monótono.

Eu não tenho triunfado sempre, naturalmente, graças ao meu método. Mas de todos modos prefiro obter o riso por um ato inteligente do que por brutalidades ou trivialidades. Insisto em que não há mistério para fazer rir ao público. Todo meu segrêdo é o de ter estado com os olhos abertos e com o espírito atento aos incidentes capazes de ser utilizados nos meus filmes. Tenho estudado o homem, porque sem conhecê-lo, não seria sido possível fazer meu ofício. O conhecimento do homem é a base do êxito.

Chaplin, formula um agradecimento ao entregar-lhe o repórter uma rica baixela de prata com as assinaturas de todos os correspondentes e cronistas cinematográficos ao Festival de Punta del Este, que, num gesto de admiração pelo genial bufo, quiseram oferecer-lhe essa pequena lembrança. Chaplin, dá-nos um abraço de despedida (tendo porém antes se recusado terminantemente às fotografias) e sâi apressado em direção do interior de seus estúdios, porta ve-

(*Continua na pág.* 29)

No seu pessimismo inevitável está o símbolo de tôda reflexão poética que possa haver em nosso tempo.



A tendência do público é amar os contrastes. Ao ser perseguido por um polícia êste é sempre corpulento.



Chaplin é o único que leva às massas a eterna caridade e a eterna emancipação da besta humana.



A CENA Muda

SEMANÁRIO DE ARTE
ANO 30 ★ Nº 26 ★ 28-6-51

SUMÁRIO

Branco no prêto 3
A verdade sôbre a Maristela (Leon Eliachar) 3
Chaplin, o Hamlet do século XX (Alberto Conrado) 4
O que vai pela Broadway (Jackson Flôres) 6
Nosso Destino é Cantar (Max Gold) 7
A marca rubra (Cine - Romance) 10
Candidate-se ao cinema brasileiro 14
Flashes Mundiais 16
O novo «gangster» de Hollywood 18
Sensacional premiére em Londres 20
Irene Dunne perdida de amor. 22
Elysée, casa da República (Renée Jeanne) 23
O Correio do Inferno 24
Antes e Depois 26
Telas da cidade 27
(Close-up) 29
Nova Dupla 30
Melodias para você 31
Arquivo (Brooklyn Jack) 32
Música (Oswaldo da Cunha).. 33
Pausa para meditação 34
Glossário Cinematográfico (H. Schlesinger) 34

CAPA:

GAIL RUSSEL
(Paramount)

A redação não se responsabiliza pelos trabalhos assinados.

EXPEDIENTE

Fundado em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor-presidente. Gratuliano Brito.

Diretor-secretário: R. Peixoto de Alencar.

Enderêço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones. — Secretaria, 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Enderêço telegráfico: «Revista». número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3,00. Assinatura anual (52 números), Cr$ 150,00. Semestral (26 números), Cr$ 75,000. Registrada: Anual, Cr$ 180,00. Semestral, Cr$ 90,00. Esrangeiro: Anual, Cr$ 280,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal Helena A Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34 2º Distrito, Lisboa. Africa Oriental Portuguêsa. D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques Uruguai. Moratório & Cia., Constituyente 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina: «Inter-Prensa», Florida, 229, Buenos Aires Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor

★

Distribuição em São Paulo A. Zambardino — Rua Capitão Salomão 69 — Telefone: 4-1569
Rua da Conceição, 58 — 1º andar — Tel. 36-6718

CORRESPONDENTE EM HOLLYWOOD
VIOLET KINNEY
THMOMAS KEENE

CORRESPONDENTE EM PARIS
JEAN DELMAR

Redator-Chefe da Publicidade
Severino Lopes Guimarães

IMPORTANTE:

O preço desta revista é de Cr$ 3,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa

O QUE VAI PELA BROADWAY

De JACKSON FLORES

"A VOLTA DE FRANK SINATRA"

New York — Frank Sinatra anda tão satisfeito êsses dias com o estrondoso sucesso que vem obtendo com a sua temporada no cinema Paramount, que até um bigodinho deixou crescer, o que tem causado uma certa comoção entre as fãs. Essa fase de satisfação na vida do famôso "crooner" é perfeitamente justificável, especialmente se considerarmos que na opinião de alguns críticos, em 1950 Sinatra estava com os dias contados. Êsses críticos devem andar bastante desapontados com as filas quilométricas que amanhecem na bilheteria do cinema Paramount e tudo isso por causa da mágica atração que o nome e a voz de Sinatra ainda exercem sôbre o público.

Convenhamos, porém, que razões de sobra tinham aquêles que prediziam o fim da carreira de Frank Sinatra. Primeiramente complicações domésticas que resultaram na separação de Mr. & Mrs. Sinatra, provocaram má publicidade em tôrno do nome do cantor. Logo após, críticas cerradas foram feitas, e ainda continuam, contra o romance do cantor com a atriz Ava Gardner e a Metro Goldwyn Mayer, por sua vez, cancela o contrato de Sinatra que ainda tinha alguns anos de validade para o seu término. Emocionalmente desequilibrado, criticado e vendo aquêles que se diziam seus amigos lhe voltar as costas, Frank parecia haver encontrado o fim da sua carreira. Para complemento dos seus aborrecimentos e descrédito do seu nome, Sinatra é obrigado a encerrar abruptamente uma temporada no "night-club" Copacabana, por fôrça de uma hemorragia numa das cordas vocais. Êsse fato, inclusive, deu margem a insistentes boatos de que o cantor se achava fraco dos pulmões o que, evidentemente, não passou de "onda" pôr parte da turma do "contra".

Frank Sinatra, porém, não se deixou abater com as aparencias daquilo que lhe parecia estar reservado e começou, então, a lutar pela sua reabilitação. O primeiro passo foi à sua temporada no Palladium de Londres, em outubro do ano passado, onde obteve grande sucesso. Regressando a New York deu começo a um programa semanal pela rádio intitulado "Meet Frank Sinatra". Logo depois dêsse programa informal, Frank estreou o seu "show" de televisão pela Columbia Broadcasting System. Ainda impreciso no seu formato, êsse programa foi recebido com reservas pela crítica especializada. Dois meses depois, porém, o "show" de Sinatra ganhou consistência e regularidade em suas apresentações, situando-se hoje em dia entre os melhores. Televisão e discos foram os elementos decisivos na reabilitação de Frank Sinatra, que voltará êste verão aos estúdios cinematograficos para estrelar uma comédia musical. Não é sem razão, pois, que Sinatra viva sorrindo de satisfação ante a multidão que diàriamente está superlotando o cinema Paramount e tudo por causa de um grande cartaz que anuncia: "FRANK IS BACK".

Deixou crescer um bigodinho.





O Médico e o Monstro... O quase médico João Andrade do Nascimento Ramos e o cantor Jimmy Lestes são a mesma pessoa.



A «rainha do Baião» ostentando o sorriso da vitória.

Ela é Bangu e ao mesmo tempo Fluminense ★ Medicina não combina com música americana ★ História romanesca da "Rainha do Baião"

Reportagem de
MAX GOLD
Fotos de
NODGI

NOSSO DESTINO É CANTAR

No dia 14 de fevereiro do ano de 1926, nascia em Bangu, quase na "fronteira" do Distrito Federal, a menina Carmelia Alves Curvelo. O acontecimento foi muito festejado pela família e todos fizeram prognósticos de que ela seria uma menina quieta e socegada. Ninguém poderia supor que ao crescer viesse à se tornar a artista celebrada que é. Também não era possível que ela viesse à se tornar uma cantora e além disso cantora de músicas de Carnaval, pois para contradizer seu destino a menina Carmelia Alves Curvelo nascera numa quarta-feira de cinzas.

Pouco tempo ficou no Rio, pois seu pai, que trabalhava na estrada União e Indústria, transferira a residência da família para Arreal, que ficava mais perto do seu trabalho.

Foi ali no interior do Estado do Rio, que a menina Carmelia cresceu e educou-se, ensaiando os primeiros passos naquilo que mais tarde viria à ser sua profissão.

Naquele tempo, no interior do Estado do Rio, pouca diversão havia, pois o cinema ainda não havia alcançado o desenvolvimento atual e as famílias, que no interior ainda são mais conservadoras, não davam muita liberdade aos jovens, principalmente ás moças.

Sòmente nas festas da igreja é que havia uma possibididade da rapaziada se divertir. Era então nas festas de maio e junho que o pessoal descontava o ano todo de cerceamento de liberdade.

Eram famosas as festas da igreja em Arreal, os jovens organizavam espetáculos com teatrinho e cantorias para angariar fundos para a igreja, que bem precisava. Carmelia Alves Curvelo era a cantora oficial dos festejos da igreja e figura obrigatória em qualquer serão ou festinha familiar. O rádio começava a escalar a sua escada de sucesso e Carmelia ficou empolgada pelo rádio. Era uma fã 100 %, acompanhava tôdas as atividades dos artistas e seus habitos e gostos. Sabia sôbre a vida dos artistas, talvez mais que êles próprios. Mas, aí é que está o aspecto interessante da história; ela não pensava em ser artista de rádio preferia ser fã.



Baião para quatro... Sivuca, Sávio Silveira, Carmelia Alves e Eduardo Bergallo


Jimmy também é compositor, embora Carmelia e Neusa Ambrosio não acreditem.


Jimmy é o tipo da «coruja»: «Que grande voz que ela tem...»

Continuava morando em Arreal, mas vinha estudar no Rio, voltava à cidade fluminense nas férias, mas passava o Carnaval no Rio. Embora a família residisse no Estado do Rio, os seus irmãos trabalhavam no Rio.

Os irmãos de Carmelia eram de gênio muito alegre e um dia, um dêles propôs-lhe uma brincadeira: cantar num programa de calouros. Ela aceitou a idéia, porque era só de farra, mas na hora cantou tão bem que ganhou o prêmio. Foi no programa de Ary Barroso, que na ocasião não estava atuando e era substituido por Paulo Gracindo.

Depois disso cantou em todos os bons programas de calouros: o da Cruzeiro do Sul com Edmundo Maia, o de Barbosa Junior, etc. Ficou cantando no programa Picolino, de Barbosa Junior, ganhando aquêles "grandes" "cachets" que se pagavam na época.

Havia então na Tupí um programa do professor Zé Bacurau: a Escada de Jacó, onde cantavam os vencedores dos programas de calouros, que tinham possibilidade de prosseguir na carreira. Carmelia cantou alí também. Trabalhou na famosa Rádio Ipanema no programa de Manoel de Nobrega, nos bons tempos daquela emissôra. Fêz parte do côro feminino da Rádio Nacional ao mesmo tempo que atuava na Mayrink Veiga no programa Casé. Nessa ocasião a Mayrink estava em crise de cantoras, era a época que Carmem Miranda aqui estêve de visita. Um dia Edmar Machado ouviu-a atuando no programa Casé e ficou impressionado e propôs-lhe um contrato com a Mayrink. Corria o ano de 1941 e Carmelia ficou substituindo a Carmem Miranda que voltava aos EE. UU., para ficar pouco tempo e nunca mais voltou. Nessa ocasião também começou à atuar na boite Meia Noite do Copacabana Palace. Nessa boite conhece um rapaz cantor que viera de São Paulo e começava à despontar no Rio: chamava-se José Andrade do Nascimento Ramos e era natural de Franca, cidade tradicional do interior do Estado de São Paulo. Sua família uma das mais respeitadas daquela cidade era composta tôda ela de médicos. Todos os homens da família eram médicos, seu avô, seu pai e seus dois irmãos. Nada mais natural que êle, o caçula da família, também estudasse medicina. Entretanto, tudo conspirava para que José não concluisse a carreira médica. Já em seu tempo de ginásio êle organizara um conjunto vocal e outro orquestral em que tocava contrabaixo. Tocava em tôdas as festas, que êle mesmo se encarregava de organizar. E isto durou até os tempos da Faculdade.

O moço José Andrade do Nascimento Ramos entrou para a Faculdade de Medicina de São Paulo e ia indo muito bem até chegar ao 2.º ano médico. Continuava tocando e agora já principalmente cantando música americana.

Mas a família não sabia de nada. Chegou o dia em que não pôde manter mais a família na ignorância, pois o seu nome começava à se projetar no setor artístico paulista. Então deu-se o inevitável, a família quando soube ficou apavorada e em reunião do conselho familiar, que era quase um congresso de medicina, deram-lhe um ultimatum: "deixar estas bobagens de cantor e dedicar-se mais ao estudo da medicina".

Mas, o rapaz disse que não e deu o seu grito de "independência ou morte", embora não fôsse ás margens do Ypiranga, foi em São Paulo. Resultado: Saíu de casa. Nessa ocasião havia lido um livro muito em voga "Tobacco Road" e se impressionara com um dos tipos: Jeeter Lester. Resolveu pois adotar um pseudonimo e como era cantor de música norte americana, principalmente, adotou o nome de Jimmy Lester, pelo qual é conhecido atualmente.

Começou então à lutar duro para se sustentar, fêz tudo. Começou vendendo apolices de seguro e foi um grande vendedor. Daí passou à corretor de publicidade. Mais tarde em sociedade com um jornalista paulista: Oswaldo Mariano, fundou um escritório de publicidade. Mas, Jimmy continuava sempre cantando, pois o que mais lhe agradava era o canto.

Depois de ter lutado muito duro por um lugar ao sol, os acontecimentos se precipitaram, tudo que fazia ou imaginava fazer saía melhor do que êle esperava. Fêz um concurso e foi aprovado como repórter intèrprete de inglês do D. E. I. P. Logo em seguida foi contratado pelo Roof da Gazeta, na ocasião a boite mais chic de São Paulo. Êle tinha começado em rádio na Cruzeiro do Sul, de São Paulo, em 1940, mas em 1941 com a inauguração da rádio Gazeta, foi convidado e para lá se transferiu.

Ficou lá durante algum tempo, emquanto o seu renome aumentava. Em breve vieram propostas do Rio. Convites para atuar no Cacino da Urca e no Copacabana.

Jimmy veio ao Rio, estudou as propostas e os locaes e acabou se decidindo pelo Casino Copacabana.

Foi aí então que conheceu Carmelia Alves que também lá atuava. Jimmy começou no Copacabana em março de 1944. Em abril do mesmo ano conheceu Carmelia. Foi um namoro relâmpago, estavamos na época da "blitzkrieg". Em maio do mesmo ano ficaram noivos e em 27 de julho casaram-se.

Pouco depois do casamento, saíram os dois em tournée artística pelo norte do país.

Ao completarem à tournée, Jimmy e Carmelia resolveram trabalhar em São Paulo, onde fixaram residência e permaneceram por 3 anos, atuando em boites.

Mas, não conseguem ficar muito tempo longe do feitiço do Rio de Janeiro e voltaram ao Rio em 1948, indo ambos cantar na rádio Mayrink Veiga e no Casino Copacabana. Mas, a situação não estava interessante, os dois trabalhando em boites diferentes e longe um do outro. Combinam então largar as boites. Jimmy deixa o Night and Day. Mas, quando Carmelia quer saír do Copacabana, a direção artistica não concorda. Aumentam-lhe o ordenado e tantas coisas fazem que Carmelia é obrigada a permanecer. Mas, já afirmou que dentro de pouco, quando terminar seu contrato não o renovará pois quer dedicar-se completamente à vida do seu lar e de atividades artisticas pretende permanecer apenas no rádio.

Em 1949 foi que Carmelia fêz a sua primeira gravação, que era composta do samba de Roberto Martins "Diga que sim" e do chôro de Dunga "O Tic-Tac do meu relógio".

Daí em diante teve muitos sucessos, dos quaes os principaes são: "O Baião em Paris" de Humberto Teixeira, "Adeus, adeus, morena", de Hervé Cordovil e Manezinho Araújo, "Cabeça Inchada" e "Eh, Boi" de Hervé Cordovil. Até agora Carmelia já vendeu 180 mil discos, tendo recebido de direitos autoraes 144 mil cruzeiros. O mais interessante vem agora, Jimmy e Carmelia são casados ha quase 7 anos e nunca gravaram juntos. Mas, agora anuncia-se uma gravação do casal, a primeira da dupla e primeira gravação de Jimmy Lester. Segundo soubemos a melodia à ser gravada é a toada de Hervé Cordovil e Manezinho Araújo "Adeus, Pernambuco". Durante muitos anos Carmelia que era cantora da Mayrink Veiga, tomava parte ou melhor cantava num programa que era irradiado tôdas as noites depois da meia noite diretamente do Copacabana pela rádio Nacional. Isto serviu para divulgar bastante seu nome e pôr diversas vêzes foi convidada para ir para aquela emissora, mas a Mayrink sempre cobria as propóstas da emissora do Edifício da A Noite. Finalmente nêste ano de 1951, a Nacional conseguiu conquistar Carmelia Alves, que já havia sido consagrada a rainha do baião e feito escola, lançando um geito caraterístico de cantar com aquêle agora



E foi assim que eu entrei para a galeria da fama.



Já ouviu nosso disco? E' uma coisa louca!

clássico "Oi". Emquanto isto Jimmy que sempre se destacou como intèrprete de músicas estrangeiras, principalmente norte americanas, está tendo a sua oportunidade na Mayrink, que o está lançando como cantor de músicas brasileiras.

Carmelia Alvez diz que sua vida está dividida em duas fáses: *antes* e depois de conhecer Jimmy Lester. Ela conta que antes era apenas uma cantora como muitas outras. O seu casamento desenvolveu sua carreira artística, pois Jimmy deu-lhe confiança em si mesma, deu-lhe a segurança de que precisava para lançar-se na carreira em busca da glória.

Nós poderiamos dizer, que de fato a vida de Carmelia Alves teve 3 fases: antes de conhecer Jimmy, depois de conhecer Jimmy e depois de cantar as músicas de Humberto Teixeira. Pois o fabricante de baiões teve grande influência na projeção do nome de Carmelia Alves. Não foi a causa principal, mas a música de Humberto Teixeira ajudou muito a tornar conhecido o nome daquela que viria à ser a "Rainha do Baião".

Uma prova disso foi a vitoriosa excursão que o casal empreendeu ao norte, participando da inauguração de 3 emissoras da cadeia de emissoras paraíbanas pertencente à organização Byington e que são dirigidas por Eduardo Bergallo, atual diretor superintendente, rapaz de espírito brilhante que conhecemos trabalhando no escritório das Nações Unidas no Rio e que se revela um conhecedor de rádio como poucos. A inauguração da Rádio Arapuan, de João Pessoa, da Rádio Caturité, de Campina Grande e da Rádio Espinheiros, de Patos, foi mais um marco significativo na carreira dêste jovem par, cujo destino é cantar, cantar, sempre.

Oi trem lá lá... E' a Carmelia a cantar.



CINE ROMANCE

Muita gente já me tem dito que devo parar... Então, vamos começar logo de uma vez. Pode fazer a tatuagem...

A MARCA RUBRA

CHOYA era o único nome que êle jamais conhecera, o que na realidade, não passava da palavra espanhola *ebolla* — cacto — americanizada. Ninguém poderia olhá-la sem sentir imediatamente em Choya o impacto de um homem selvagem, que por seus movimentos lerdos, voz macia e ameaçadora ou pela sede cruel de violência que se estampava claramente em suas feições. Se a pessoa que lhe fitava tivesse experiência adquirida por entre vaqueiros e desordeiros do bravo oeste norte-americano, também não vacilaria em classificá-lo nesta categoria após observar o modo como êle usava os revólveres nos coldres balançando na cintura.

E agora tôda a selvageria contida em

Título original:

BRANDED

ELENCO:

Choya	ALAN LADD
Ruth Lavery	MONA FREEMAN
Mr. Lavery..	CHARLES BICKFORD
Leffingwell .	Robert Keth
Rubriz	Joseph Calleia
Tônio	Peter Hansen
Mrs Lavery	Selena Royle
Ransome ...	Tom Tully
Tattoo	John Berkes
Dad Travis..	Edward Clark

Um filme da Paramount Picture — Produção de Mel Epstein — Direção de Rudolph Mate — Cenário de Sydney Boehm e Cyril Hume — Baseado em uma novela de Evan Evans.

sua personalidade se extravasava enquanto êle corria por cima das casas, envolto na escuridão da noite. De detrás dêle veio uma voz, partindo das trevas:

— Penso que você não deveria ter matado Pudge Grace, meu filho. E' certo que êle de nada valia, mas tinha parentes e êles lá estão todos reunidos, cercando-o de revólveres, esperando. Você não tem amigos, Choya?

— Dois, — retrucou àsperamente o homem a quem o velho chamara de Choya, por entre os dentes, enquanto dava uma palmada em seus revólveres gêmeos. — Êstes dois. — Êle se virou ràpidamente. — Como já lhe disse, você irá em minha frente e vai cobrir-me até eu alcançar o meu cavalo.

O ancião, se é que êle assim poderia ser chamado, meneou com a cabeça.

— Não, Choya, acho que não devo. Eu tenho amigos ali: Você talvez tenha a idéia de atirar nêles e não seria justo nem decente colocá-los nesta situação. — Êle cerrou os olhos. — Você terá de me matar, meu filho.

O barulho da multidão recrudesceu, um múrmurio ávido e feio. Choya olhou através da janela e uma fúria selvagem pareceu fazer estremecer o seu corpo compacto. Êle sacou o seu revólver e o apontou em direção ao cão que dormitava aos pés de Dad Travis.

— Não é em você que atirarei. Os cachorros são melhores do que os homens... mas não tanto assim. Levante-se!

O velho permaneceu sentado por alguns instantes e em seguida se ergueu, vagarosamente, como se de repente, caisse sôbre êle o pêso de todos os seus anos.

— Vamos, Choya.

Ao aparecerem na rua, um murmúrio se levantou do seio da pequena multidão que se formara do lado de fora da velha mercearia onde Choya e Dad Travis se encontravam. Um homem, freneticamente, gritou:

— *Não atirem!* Êle está com o revólver encostado às costas de Dad Travis!

A multidão se afastou e o murmúrio, como por encanto, desapareceu. Parecia que os homens haviam perdido a voz e sòmente tinham olhos que fitavam em Choya enquanto êle atravessava a rua, escudado por Dad Travis, e entrava em um pequeno beco onde o seu cavalo estava amarrado. Êle se expôs ao fogo dos colonos por um breve momento, enquanto montava, mas logo depois partira em um rápido galope.

Atravessou o rio para dar uma pista à polícia, mas voltou logo depois, cavalgando por dentro do rio. Assim êles perderiam a pista ali de qualquer maneira. Continuando em sua fuga, dirigiu-se a uma colina junto à cidade, onde fêz o seu acampamento. Quando êles tivessem perdido as esperanças de encontrá-lo êle poderia retomar a sua jornada interrompida.

A tarde já se descambava para o lado das montanhas, quando êle ouviu o barulho das patas de dois cavalos subindo vagarosamente e dois homens apearam-se e subirem a colina, sem cuidado de se esconderem. Choya já se encontrava entre duas rochas, com os revólveres em punho, pronto para devolver fogo, caso êles o atacassem, quando apareceram. Um dos homens tinha uns prováveis cinqüenta anos, enquanto o outro, era pequeno, de olhar desconfiado.

O mais velho gritou suavemente:

— Choya! Oh, Choya, nós somos amigos. Até deixamos os nossos revólveres na sela.

Choya se apresentou:

— Aproximem-se! — Êle pos uma das armas no coldre, enquanto os inspecionava a fim de verificar se não tinham armas escondidas. — O que vocês querem?

— Estamos seguindo-o dêsde o Montana, através do Arizona, Choya, dêsde que o vi pela primeira vez, há uns dois anos atrás, em Dodge City. Sou Leffingwell, êste, é Tattoo. Temos uma proposta de um milhão a lhe fazer, Choya.

A raiva cintilou nos olhos de Choya.

— Fora, vagabundos! Dêem o fora, rápido!

— Não, espere, — gritou ansiosamente Leffingwell. — Um milhão, talvez mais, contudo só dará certo com você. Um homem poderá estabelecer-se e viver o resto da vida com êste dinheiro. Acaba-se-ão as corridas, as fugas, as perseguições da polícia ..

Vagarosamente, Choya abaixou o seu revólver.

— Podem abaixar as mãos e começar a falar.

Ouvindo-os, Choya esqueceu a sua básica antipatia por êsses dois elementos em admiração pelo plano que lhe apresentavam. Tudo o que êle tinha a fazer era deixar que o menor lhe tatuasse

um morango no ombro, como marca de nascimento e sentar-se confortávelmente para uma viagem através da rua da fortuna. Repentinamente Choya sorriu:

— Muita gente já me disse que parasse e me estabelecesse. Creio que já é tempo de providenciar.

E imediatamente começaram os preparativos. Tatto, hàbilmente efetuou a sua parte no trabalho, mas Choya tinha de esperar por dois dias até que a inchação desaparecesse e a tatuagem desse a impressão de ter sido esculpida pela natureza. Leffingwell e Tattoo foram à cidade a fim de buscar víveres, mas Leffingwell voltou sòzinho. Tattoo ficou no meio do caminho com uma bala encravada nas costas.

Em seguida Choya e Leffingwell começaram a cavalgar. O rumo era o sul e foi para o sul que cavalgaram, velozmente, até chegar ao Texas. Choya mal murmurara duas palavras com o seu companheiro durante a viagem e sòmente a esperança de uma vida melhor lhe dava a paciência e calma necessárias bastantes para com êle se associar...

Finalmente chegaram a uma cêrca onde leram o sinal: RANCHO BARRA-O, RICHARD LAVERY, PROPRIETÁRIO. AFASTE-SE! ISTO SIGNIFICA *VOCÊ!*

Choya se inclinou no cavalo e abriu o ferrôlho do portão.

— Isto é para você, sócio. Eu cavalgarei sòzinho. Vá para a cidade e aguarde notícias minhas.

— Agora, espere, — Leffingwell protestou, — não estou gostando muito disso.

— Ninguém lhe perguntou se estava gostando ou não, — retrucou Choya friamente. — E' assim e pronto. Daqui em diante, eu dou as ordens.

Choya continuou cavalgando através de uma terra rica em pastos, através de pomares e campos férteis e finalmente chegou ao locau onde um grupo de homens levantava uma cêrca. Um dos trabalhadores disse àsperamente:

— Pessoal ! Êle parece que não deu importância à placa ou, talvez, êle não saiba ler tão bem.

Choya o ignorou.

— Quem é o capataz?

Um homem agigantado se adiantou.

— Sou eu. Meu nome é Ransome.

Choya olhou o homem com uma insolência calculada.

— Quero um emprêgo e posso fazer qualquer coisa que você possa.

O desafio estava muito claro para ser ignorado e Ransome não desejava ser desmoralizado em frente a seus homens e, como um raio, desferiu-lhe um murro no qual encerrou todo o pêso de seu corpo. Choya se desviou e por sua vez revidou com um golpe bem aplicado. Por um momento, como que recebendo o impacto da violência do golpe, os homens prenderam a respiração. Estirado no chão, Ransome disse muito suavemente:

— Você está empregado. E agora eu o reduzirei ao seu verdadeiro tamanho.

— Não quero complicação, — disse Choya, voltando-se. — A única coisa que pedi foi um emprêgo.

Nêste instante todos se viraram para olhar os dois cavaleiros que se aproximavam. Dos cumprimentos dos homens, Choya soube que se tratava de Richard Lavery, o proprietário do rancho, e de sua filha, Ruth. Aquêle era o homem a quem êle viera enganar. Êle foi apresentado como um novo trabalhador e resmungou um cumprimento. Ficou por perto ouvindo a conversa dos homens com o patrão a quem admiravam e estimavam. Quando os dois estavam prontos para sair, foi Choya quem deu as rédeas do cavalo a Ruth e murmurou suavemente:

— Para você faço qualquer coisa, a qualquer tempo.

Aquela noite, mesmo contra a sua vontade, êle foi atraído pelos suaves acordes de um piano na casa onde Lavery residia com o resto da família. Espantou-se quando Ruth Lavery disse, sùbitamente, do meio das trevas:

— Que está você fazendo aqui?

— E' contra o regulamento? — Choya indagou àsperamente, virando-se: — Uma linha divisória, talvez... Os Laverys de um lado e os sujos vaqueiros do outro. Acaso é como aquêle sinal "Afaste-se" no portão?

— Não existe um regulamento assim nêste rancho. Mas, nessa parte do país, os homens não falam assim com as damas. E' bom que você aprenda isso logo.

— Creio, então, que devo procurar professôras melhores do que as que encontrei até agora, — respondeu Choya e começou a retirar-se.

— Espere, — murmurou Ruth, depois de um momento. — Talvez eu o estivesse menosprezando e tratando-o como um inferior, mas não foi essa a minha intenção. Lamento muito.

— Penso, — disse Choya desajeitadamente, — que também não foi minha intenção ser tão rude.

Ela sorriu.

— Foi difícil para você dizer isso, não foi? Ouvi chamarem você de Choya. Isto significa cacto em espanhol. Por que o chamam assim?

— E' o único nome que conheço. Acho melhor ir-me.

— Espere, — Ruth murmurou novamente. — Ninguém tem mêdo de papai. Êle é muito bondoso. Estão conversando lá dentro, agora, o papai e a mamãe. Talvez você saiba que o meu irmão foi raptado quando tinha cinco anos e nunca mais ouvimos falar nêle, muito embora papai renove a recompensa de cem mil dólares todos os anos. Mas êle é todo o mundo de mamãe, mesmo assim. Tôda a noite ela fala sôbre êle e sonha como será êle quando voltar.

Da porta Richard Lavery chamou calmamente:

— Ruth, venha dizer boa noite a sua mãe. — Quando Ruth voltou Choya havia saido.

Aquela noite êle não conseguiu conciliar o sono imediatamente, mas permaneceu em seu catre, fitando os olhos na escuridão, com os lábios retorcidos em uma curva de amargura. E naquela mesma noite êle começou a odiar duas pessoas selvagens e com tôda a fôrça de seu ser. Uma era um sujeito chamado Leffingwell. O outro era conhecido pelo nome de Choya.

Na manhã seguinte, no curral, Choya apreciou, com o rosto impassível, enquanto Lavery domava um potro. Era a poesia bárbara do oeste e os homens olhavam fascinados enquanto o potro pulava, estrebuchava e lançava as suas patas trazeiras no espaço. Finalmente o velho proprietário do rancho conseguiu o seu intento. O potro parou. Quando o homem se apeara, Choya exclamou, para que todos ouvissem:

— Agora, cavalo, você sabe a espécie de patrão que tem. Não havia necessidade de estrebuchar tanto, apenas para fazer parecer que fôra difícil de domar.

Lavery se voltou, com os olhos brilhantes de raiva:

— Paguem o saldo dêste tagarela. Ponham-no para fora do rancho.

Choya sorriu, insolentemente:

— Penso que você não pode fazer isso sòzinho... quinze contra um. Você nunca me botaria para fora de lugar algum... nem em seus dias mais brilhantes... Você paga aos trabalhadores para fazerem o seu trabalho sujo.

Com um indescretível brado de fúria, Lavery investiu contra êle, impedindo que os homens se imiscuissem em sua briga.

Choya livrou-se do ataque, gritando selvagemente:

— Livre os meus ombros. — Êle abriu a camisa volentamente e a baixou, com a tatuagem de nascimento, rubramente brilhando no alegre sol matinal.

Novamente se juntaram, desferindo direitas e esquerdas. Lavery arfava diante do esfôrço. Os anos que pesavam em suas costas também pareciam ter enferrujado os seus músculos e êle tudo fazia para revidar os socos implacáveis de Choya. Choya, por sua vez, já pensava que Lavery não veria a marca. Sùbitamente o velho homem se afastou... Uma expressão indescritível se estampou em sua face enrugada. Os seus olhos brilhavam intensamente... Lavery baixou os braços, enquanto Choya esperava o seu ataque. Os homens em redor silenciaram, incapazes de compreender o desânimo do patrão... Vagarosamente, lhes chegou ao ouvido a voz de Lavery, débil e rouca, em um sussurro, parecendo vir tôda da garganta:

— Menino... Aquela marca ! Quantos anos tem você, menino? Quem é você? Quem é a sua família?

Choya pôs tôda a zombaria que conseguira salvar para a ocasião na voz.

— Joguem água nêle. Êle perdeu a cabeça. E me manda pagar o soldo... Dei-lhe umas boas e bem merecidas pancadas...

— Espere! — Lavery o tinha agarrado e os homens se haviam agrupado em seu redor. — Responda-me, menino. Diga-me!

Lavery escrutinava a marca, com uma palidez de morte cobrindo o seu rosto. Ransome e o cozinheiro, Spig, olharam para Choya e os seus rostos quedaram sem expressão alguma que identificasse o que sentiam. — E' êle! Eu conheceria aquela marca de nascimento em qualquer lugar. E' o mestre Richard!

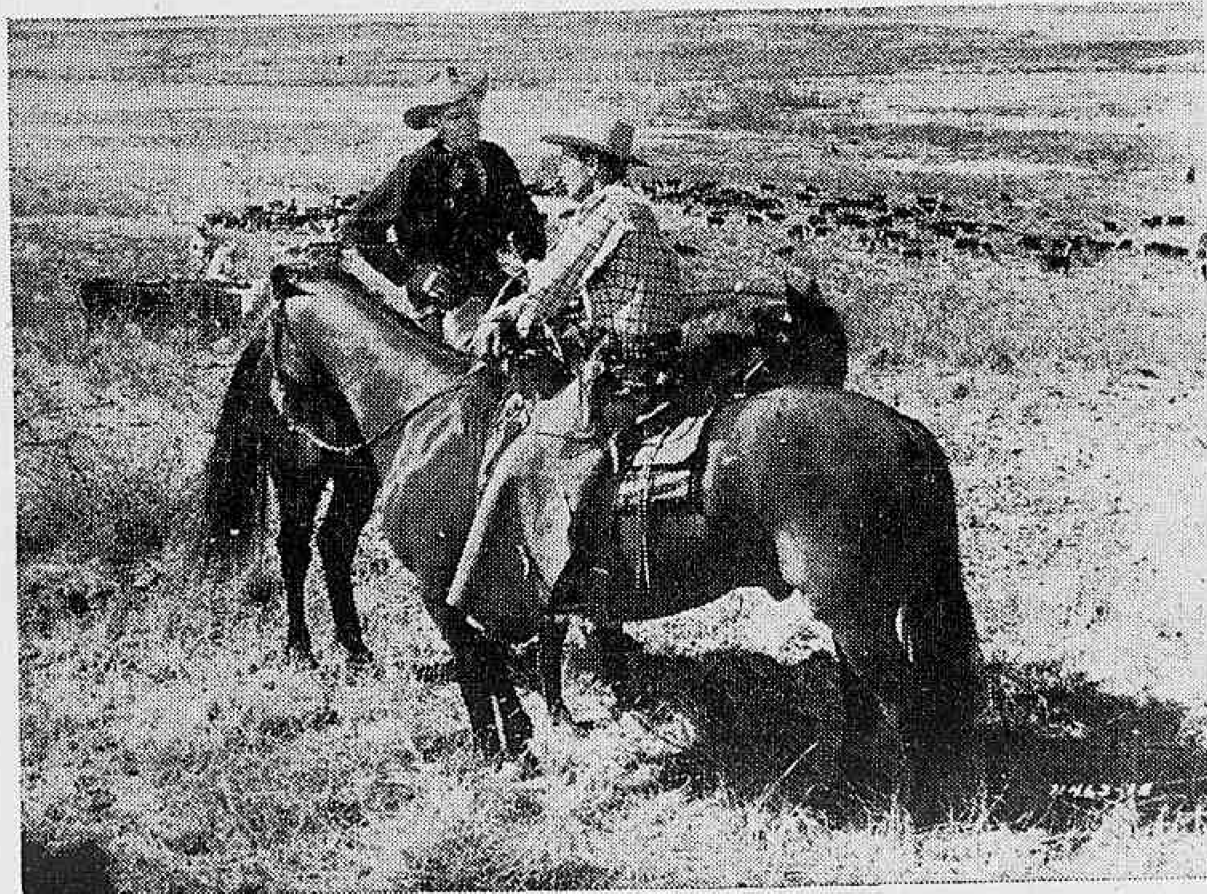
Lavery abraçou Choya comovido, enquanto a emoção lhe embargava a voz:

— Menino, menino, você não compreende? Você é meu filho! Você é Richard Lavery, menino. — Êle se virou no momento exato em que Ruth estacava o seu cavalo. — Ruth, é Richard! Dê as boas vindas ao seu irmão, minha filha. Está vendo, é Richard!

Num instante os seus olhares se cruzaram e qualquer coisa de remota e profunda estremeceu nela, como que sacudindo a sua alma. Então ela desviou o olhar, enquanto murmurava:

— Tenho de dizer a mamãe. Ela tem de estar preparada...

Lavery segurou o braço de Choya.



«A gente se sente bem em saber que tem um filho para tomar conta das coisas que se construiu». Lavery não conseguia conter o orgulho pelo filho que aparecera...



«Suma-se! Vá para longe e que eu não o veja nunca mais». E Leffingwell revelou que fôra êle o raptor de Richard Lavery, quando êste tinha cinco anos...

— Isso mesmo! Ela não nos deve ver assim. Vamo-nos lavar primeiro. — Repentinamente uma gargalhada nasceu em sua garganta, transparecendo no rosto tôda a alegria contida em sua alma. — Nós formaríamos uma ótima parceria em uma briga de salão, você e eu, Richard!

Choya estacou repentinamente.

— Mister, o senhor já parou para pensar em como poderá estar enganado?

— Não! — Lavery gritou. — Não posso estar enganado. Você é meu filho! Afinal foi encontrado! — Um tom de suavidade sombreou a sua voz. — Você tem de compreender... todos êstes anos tem sido uma espécie de doença com a sua mãe, uma dor terrível. Tente compreender... se a princípio ela... ela... — A sua voz foi quebrada repentinamente.

Choya soerguçu os olhos e Mrs. Lavery se encontrava no alpendre. O seu rosto estava sem côr, os lábios movendo-se silenciosamente, sem pronunciar uma só palavra, os seus olhos transformados em dois imensos lagos de tristeza. Ela caminhou em sua direção, silenciosamente, estacando sem uma só palavra em sua frente. Então os dedos de Deus pareceram romper os laços do sortilégio e ela estava com os braços em seu redor, com o corpo tocando aquêle corpo que era o seu próprio sangue, a sua própria carne, murmurando incoerentemente:

— Muito obrigado, querido Deus! — A sua voz era um soluço, as palavras saiam embargadas, parecendo provir do fundo da alma, arrancadas pela emoção. — Muito obrigada! Acaso... acaso foram bons para você, Richard, quando você era pequenino? Foram? — Com as mãos trêmulas ela baixou a cabeça de Choya, beijando-o nas faces. — Você nem ao menos pode lembrar-se de mim, era tão pequenino...

Repentinamente os homens saltavam como loucos, atirando, gritando, rindo e cavalgando. Choya deu meia-volta, ràpidamente, botando a mão nos revólveres e a gargalhada de Lavery explodiu:

— São apenas os rapazes que vieram comemorar. Os nossos corações, estão contentes e queremos que êles compartilhem de nossa alegria. Abram os barris!

Durante o resfo da noite Choya se sentiu flutuando em uma nuvem de congratulações e uma afeição que desconhecera durante tôda a vida. A vida lhes mostrava uma nova faceta, e Choya não sabia como recebê-la. Nunca soubera que a vida pudesse oferecer algo comparável a isso e sòmente sentia um vazio no coração. Compreendeu durante o resto do jantar que Ruth não compartilhara da alegria das boas vindas com o resto do pessoal. Finalmente ela não mais pode manter o contrôle e disse àsperamente:

— E' estranho que você não se lembre de nada... Você tinha cinco anos... eu me recordo de coisas que me aconteceram quando eu tinha três anos...

— Não me lembro de nada. — Redargiu Choya no mesmo tom, — a não ser um sonho louco de criança de um cavalo de brinquedo com apenas três patas...

Êles compreenderam. Mrs. Lavery deu um grito de contentamento e Ruth começou a soluçar, arrodeandó a mesa para enlaçá-lo com os seus níveos e roliços braços.

— Seja bem vindo, meu irmão! Eu tinha de ter... certeza... mas isso era o seu brinquêdo favorito... Mamãe ainda o guarda no sotão.

Aquela noite Choya caminhou em seu quarto de um lado para outro como animal enjaulado. O negócio dera certo, mas o triunfo tinha o sabor de cinzas amargas em sua boca. Êle tentou imaginar o milhão de dólares, mas tudo que afluiu a sua mente foram os olhos brilhantes de Mrs. Lavery, a beleza de Ruth, e a afeição do orgulho paternal de Mr. Lavery. Uma estranha repulsão por si mesmo brotou em seu peito.

No dia seguinte êle partiu com Ruth, montando formosos corcéis, para conhecer a vastidão da propriedade dos Laverys, mas não havia alegria em ver tôda a riqueza que lhe pertência.

Logo deixou Ruth e cavalgou sòzinho em direção ao lugar onde Lavery se encontrava. O homem apreciava o trabalho de seus empregados e os seus olhos se iluminaram ao ver Choya.

— E' a maior sensação do mundo, menino, saber que meu filho está aqui para tomar conta do que construi.

— Escute, — Exclamou selvagemente Choya, — tenho de lhe dizer uma coisa. Escute...

Nêsse instante uma voz arfante gritou:

— Choya! Quando você conseguiu um emprêgo aqui? Não conhece mais o seu velho sócio?

Êle deu meia-volta, fitando através de olhos insuflados de ódio ao abominável Leffingwell, que fingia suprêsa. Antes que pudesse murmurar uma só palavra, Lavery exclamou:

— Qualquer amigo de meu filho também é meu amigo. Mas o senhor certamente não sabia, não é, que Choya é, em verdade, Richard Lavery Junior? Dick, leve o seu amigo para a casa e mande o José servir-lhe um bom jantar.

Sòmente quando se encontravam sòzinhos no quarto de Choya a sua raiva explodiu:

— Eu lhe disse para esperar na cidade! Uma vez que a sua barriga esteja cheia você dá o fora.

— Escute aqui, Choya, — retrucou Leffingwell, — fiquei cansado de esperar, esperar... Esperei por perto do escritório do advogado até que o velho apareceu ontem à tarde e fêz um novo testamento. Ganharemos mais de um milhão de dólares, menino, e não desejo ser enganado antes de receber o meu quinhão. E' interessante que êle não lhe tenha falado sôbre o novo testamento.

— Você não compreenderia, — Choya disse rudemente.

— Logo que você estiver como tudo, nós venderemos o rancho... Aquêle velho é saudável, mas não conseguirá sobreviver ao tiro de uma quarenta e cinco. Tomarei conta dos detalhes. E' para isso que serve um sócio.

Choya fitou os olhos no rosto do va-

«Êste negócio ia dar um bocado de dinheiro, mas eu não pensei em encontrar uma pessoa como você, Ruth. Não sou seu irmão, mas um impostor...





E Choya iniciou uma violenta luta com Mateo Rubriz, que criara o verdadeiro Richard Lavery, sem lhe contar, no entanto a verdade. Mas Choya pretendia levar Dick de volta para o seu verdadeiro lar.

gabundo e falou com uma frieza de morte tecendo as suas palavras:

— Compreenda isso: ninguém o vai matar! Tem rebanho que será levado para El Paso amanhã e eu serei o encarregado dos serviços... O gado dará uns cento e oitenta mil dólares que nós apuraremos e depois daremos o fora. — Automàticamente a sua mão resvalou para o revólver. — Não quero que me olhem mais como estão fazendo. E' assim que vai ser o negócio. Compreende?

Sòmente na manhã seguinte Choya soube que Ruth também iria. Lavery sorriu:

— E' a época dela fazer as suas compras e ela tem uma lista mais comprida do que a cauda de um novilho... de coisas para nós e para você. E' a primeira vez em vinte anos que não vou, mas me sinto bem por dentro, em saber que tenho um filho para tomar conta das coisas. — Êle se virou, sorrindo, no momento em que Ruth aparecia. — Minha filha, sua mãe e eu ficaríamos bastante felizes em pensar em uma malta de netos para cuidar. Arranje uma de suas amigas em El Paso para Dick.

O dia foi interminável para Choya. Os últimos adeuses haviam sido um verdadeiro tormento para os seus nervos e êle começou a tratar os homens àsperamente. Mas ainda ficou mais enraivecido, pois em troca de seu rude tratamento os homens sòmente lhe devolviam amizade e compreensão.

Aquela noite Ruth se juntou a êle junto à fogueira.

— Tenho uma garôta para apresentar a você, Dick... A não ser que você já tenha uma namorada em algum outro lugar...

— Não existe ninguém, — redarguiu êle rudemente, fechando os pulsos firmemente quando Ruth o beijou, dizendo-lhe um doce boa noite.

Leffingwell, escondido pelas sombras da noite, zombou:

— E' uma pena que ela seja sua irmã, não?

Choya se virou ràpidamente e o segurou pelo colarinho da suja camisa.

— Vá procurar um buraco de rato para se enterrar! Dê o fora!

— Espera aí, Choya, — gemeu o velho, — como é que eu ia saber que ela é algo de especial? — Os seus olhos se semi-cerraram. — Talvez você esteja certo, Choya. Talvez eu seja um rato. Portanto, não me empurre de encontro à parede. Um rato não sentiria remorsos em ficar uma bala nas costas de quem quer que seja.

Finalmente terminou a longa jornada. Ruth saiu para fazer as suas compras e Choya, dispersando os trabalhadores, apanhou a caução de comprador para o banco, a fim de sacar dinheiro. As notícias da volta de Richard Lavery se espalhara e Choya teve de suportar os cumprimentos de boas vindas dos empregados do banco e mesmo dos policiais que lhe apertaram a mão. Sentiu-se de u'a maneira estranha ao ser objeto das atenções dos mantedores da lei que sempre odiara.

Êle se virou e ali estava Leffingwell, olhando-o, curioso. No guichet o pagador contava o dinheiro que lhe deveria entregar, contra a sua caução. Sùbitamente Choya segurou Leffingwell pelo braço e disse:

— Não importa o dinheiro... apenas credite na conta dos Lavery e me dê um recibo.

O rosto de Leffingwell perdeu tôda a côr.

— Escute, Choya, você não pode jogar uma fortuna pela janela. Você lamentará...

— Mas não lamentarei tanto como lamento o fato de me ter imiscuido com você... Nós estamos enganando gente honesta... — Quase arrastando o velho, Choya o levou para o hotel. Enquanto arrumava as suas malas para viajar, espiou o vagabundo que choramingava. — Foi você quem raptou o filho de Lavery, Leff. O que você fêz com êle?

— Eu não, — retrucou Leffingwell espantado e ligeiramente amedrontado. — Foi um velho companheiro de cela que me contou tudo. — Os seus olhos injetaram acompanharam os movimentos de Choya ao fazer um nó corrediço em seu laço. — Não... espere! O menino morreu antes que eu pudesse receber o dinheiro. Eu juro, êle morreu do outro lado da fronteira. — Choya começou a caminhar em sua direção e êle se encolheu num canto. — Está bem, um bandido tomou êle de mim... Mateo Rubriz. Rubriz gostou do menino e o chamou Tonio Rubriz. Ainda vivem nas montanhas atrás de Ormosa. O velho não quer que Tonio saiba que não é o seu próprio sangue e carne.

Choya levantou Leffingwell.

— Dê o fora! Suma-se Fique a umas mil milhas de Paso. E se eu algum dia tiver notícias que você está perto dos Laverys fique certo de que eu o matarei.

Quando o velho tinha saido, Choya seguiu pelo corredor, em direção ao quarto de Ruth. Êle a encarou selvagemente:

— Finalmente criei bastante coragem para lhe dizer que vou partir. Você tem de saber. Não sou seu irmão. Esta marca é uma tatuagem e eu sabia aquela história do cavalinho de brinquedo de cor e salteado. Êste negócio ia dar um bocado de dinheiro, mas ninguém me disse que eu encontraria alguém como você. — Êle colocou o recibo do dinheiro da venda do gado em seu colo e saiu. O seu coração se contorceu ao ouvir os seus soluços.

Êle atravessou o Rio Grande e cavalgou para o sul, chegando finalmente a Ormosa. A todos que encontrava, gritava:

— O senhor Rubriz... eu desejo vê-lo.

Com o terror transparecendo em seus olhos, todos negavam desconhecimento ou pelo inglês ou pelo bandido, mas finalmente um peão esfarrapado se esgueirou por entre os outros e se aproximou:

— Por quinhentos pesos talvez eu pudesse levar uma mensagem a pessoa que o senhor procura.

Mais tarde êle alugou um quarto e foi para cima. Abriu a sua porta e entrou, sùbitamente o mundo parecia se ter desmoronado sôbre a sua cabeça.

Choya abriu novamente os olhos em um luxuoso salão. Estava amarrado a uma cadeira e guardado por dois troncudos mexicanos. Do outro lado do salão o "peão" a quem êle encontrara se encontrava à mesa, saboreando uma requintada refeição, mas agora os trapos que lhe cobriam o corpo haviam sido substituidos por uma elegante indumentária. O "peão" sorriu.

— Não gosto que andem gritando por aí o nome de Mateo Rubriz. Não gosto de você.

— Você não é o Mateo Rubriz que eu imaginava. Tudo o que você sabe fazer é encher esta barriga e dizer bobagens. Quando a polícia começou a perseguir-me, pensei em encontrar refúgio com você. Talvez você tenha ouvido meu nome — Choya.

Rubriz deu de ombros.

— Pequeninas coisas... com um revólver... Desamarrem-no... Comeremos

(*Continua na pág. 28*)



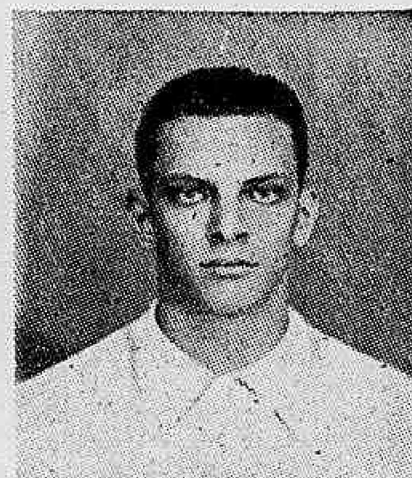
CANDIDATE-SE AO CINEMA BRASILEIRO

Esta vitoriosa seção entra agora num ritmo certo. Aumenta a cada dia o volume de cartas. A fim de não demorar muito em sua publicação, estamos ampliando o número de páginas e fotos na medida do possivel. Quem ainda não preencheu o "coupon" e que desejar figurar nesta galeria, pode fazê-lo a qualquer momento. Tdavia, convém observar, em seu próprio benefício, êstes requisitos: a) as fotos devem ser, de preferência, tamanho 6x9; b) papel brilhante, que dá melhor reprodução; não sendo possivel, podem mandar como desejarém. Estas cláusulas não são exigidas, senão uma advertência em benefício do próprio candidato. As cartas que não vierem acompanhadas dos "coupons" não serão tomadas em consideração.

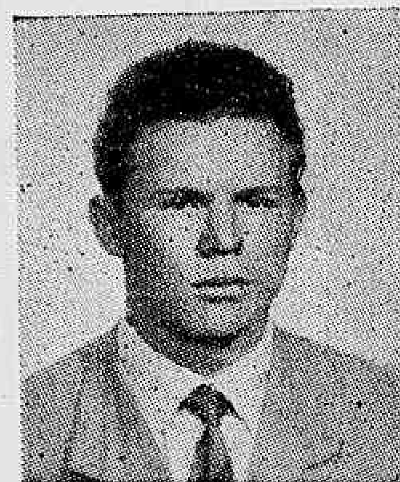
FICHA 62 — CANDIDA MARIA DO AMARAL SOUTO, 19 anos, 1,63 de altura, 47 quilos, curso primário e industrial, auxiliar de escritório, deseja ser atriz no gênero musical. Possui boa voz e é exímia nadadora, além de possuir uma boa plástica. Reside em Passos, Sul de Minas.



FICHA 63 — GILBERTO ATHAYDE, 22 anos, 1,75, 66 quilos, curso ginasial e científico, fazendeiro, toca pandeiro. Deseja ser ator, em papéis trágicos. Reside no Rio.



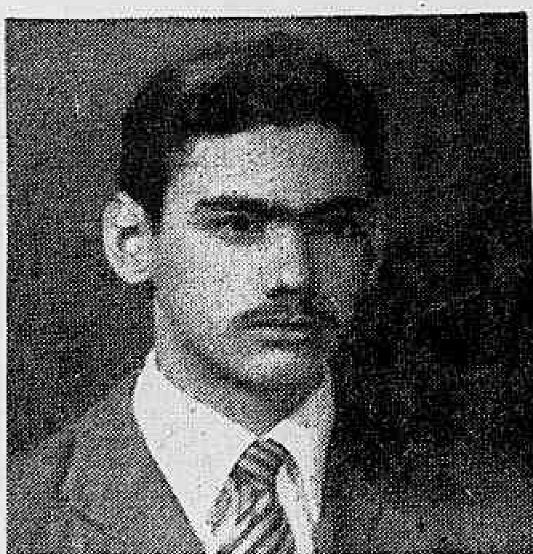
FICHA 64 — CARLOS ALBERTO TÔRRES DE MELLO, 22 anos, 1,85, 87 quilos, 3º ano científico, estudante, experiência teatro amador, toca piano, quer ser ator. Reside no Rio.



FICHA 65 — EDMUNDO LESNIAK, 22 anos, 1,67 de altura, 63 quilos, curso comercial, comerciário, fala inglês e alemão. Deseja ser maquilador. Reside em S. Paulo.



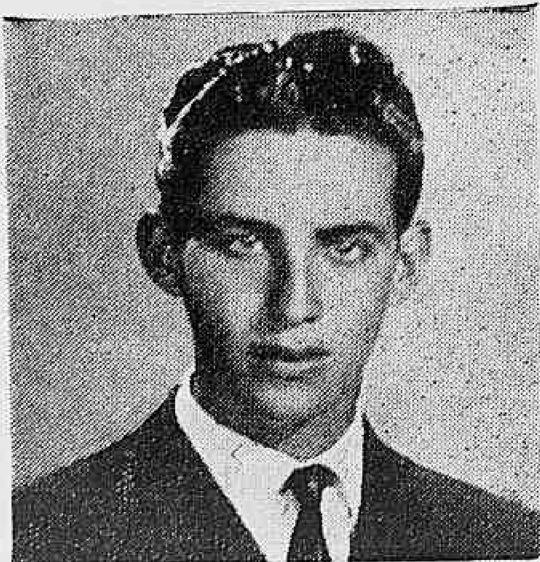
FICHA 66 — JOSÉ L. BARROSO, 22 anos, 1,69 de altura, 69 quilos, curso ginasial, comissário de bordo, experiência artística colegial, deseja ser ator romântico. Reside no Rio.



FICHA 67 — ALCINDO DAS NEVES, 17 anos, 1,64 de altura, 60 quilos, grupo 3º ano, comerciário. Não tem experiência artística nem toca intrumento algum. Gênero que deseja: música (?). Reside em Londrina, Paraná.



FICHA 68 — JOSÉ GOMES MORAIS, 22 anos, 1,69 de altura, 69 quilos, curso comercial, escriturário, deseja ser ator — cenas misteriosas. Reside em Araraquára, Estado de São Paulo.



FICHA 69 — MANOEL DE SOUZA, 17 anos, 1,75 de altura, 63 quilos, curso básico de comércio, estudante, curso de arte dramática, deseja ingressar no cinema. Gênero — diversos. Reside em S. Paulo.



FICHA 70 — JOSÉ A. FILHO, 22 anos, 1,76, 68 quilos, curso secundário, inspetor de Polícia da Ordem Política des P. (?), experiência de teatro amador. Canta tangos e boleros. Diz conhecer tudo que usam os criminosos para burlar a lei. Deseja ser ator em qualquer gênero trágico. Reside em São Paulo.

FICHÁRIO

Nome ....

Idade ....

Altura ....

Pêso ....

Cursos ....

Profissão ....

Gênero que deseja abraçar ....

Experiência artística ....

Toca algum instrumento? ....

Observações (a critério do candidato) ....

....

COUPON

Assinatura ....

....

Endereço ....

....

Telefone ....

Cidade ....



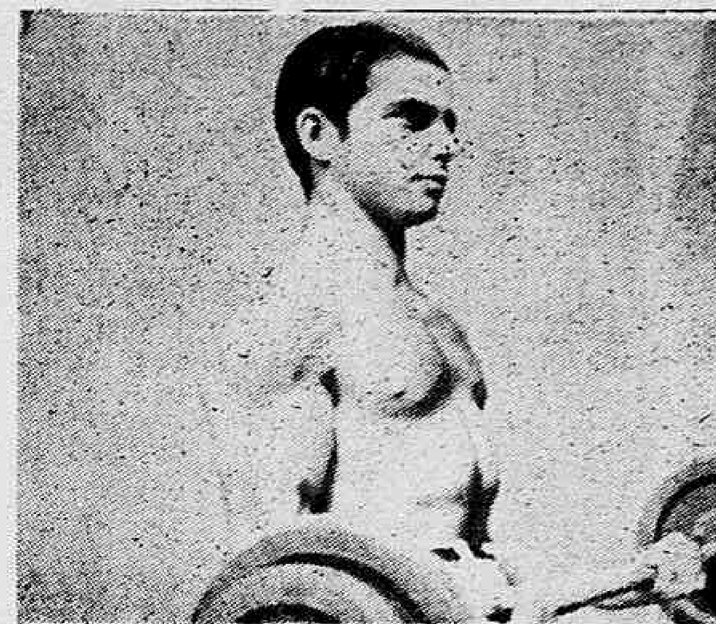
FICHA 71 — RITA DURAN LOPES, 16 anos, 1,60 de altura, 55 quilos, curso primário, secretária médica, deseja ingressar no cinema para papéis principais. Reside em Águas da Prata.

CORRESPONDENCIA

RAIMUNDO BASÍLIO (Formiga, MG) — Queira mandar uma foto maior e mais nítida. Essa não dá reprodução. Não esqueça o «coupon».

ELIZABETH GELANTE TOLEDO (Serra Negra, SP) — Sim, Elizabeth, mesmo com os 13 anos de idade você pode ser uma das candidatas. O cinema brasileiro está precisando de artistas de tôdas as idades.

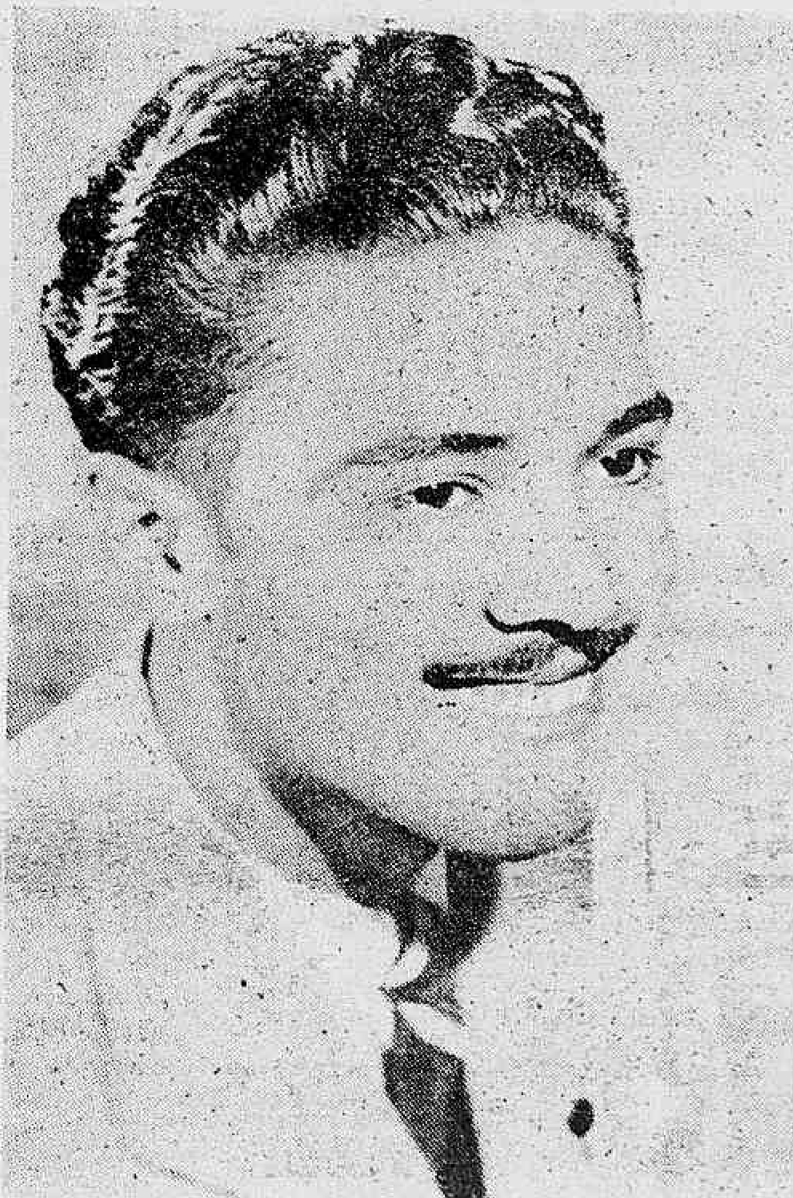
DANUTA DELMA (Curitiba, Paraná) — Pelas suas fotos, você parece ser uma mocinha bonitinha e interessante. Porque não envia outras mais nítidas? Geralmente, os flagrantes mal tirados não oferecem boa reprodução. Mande o «coupon», não esqueça.



FICHA 72 — RAPHAEL BIZARRO, 16 anos, 1,68 de altura, 58 quilos, curso primário, comerciante, deseja ser ator romântico. Não tem experiência artística. Reside no Rio de Janeiro.



FICHA 73 — DULCEMAR VIEIRA, 22 anos, 1,60 de altura, 43 quilos, curso primário, rádio atriz, deseja ser artista de cinema, gênero cômico. Reside em São Paulo.



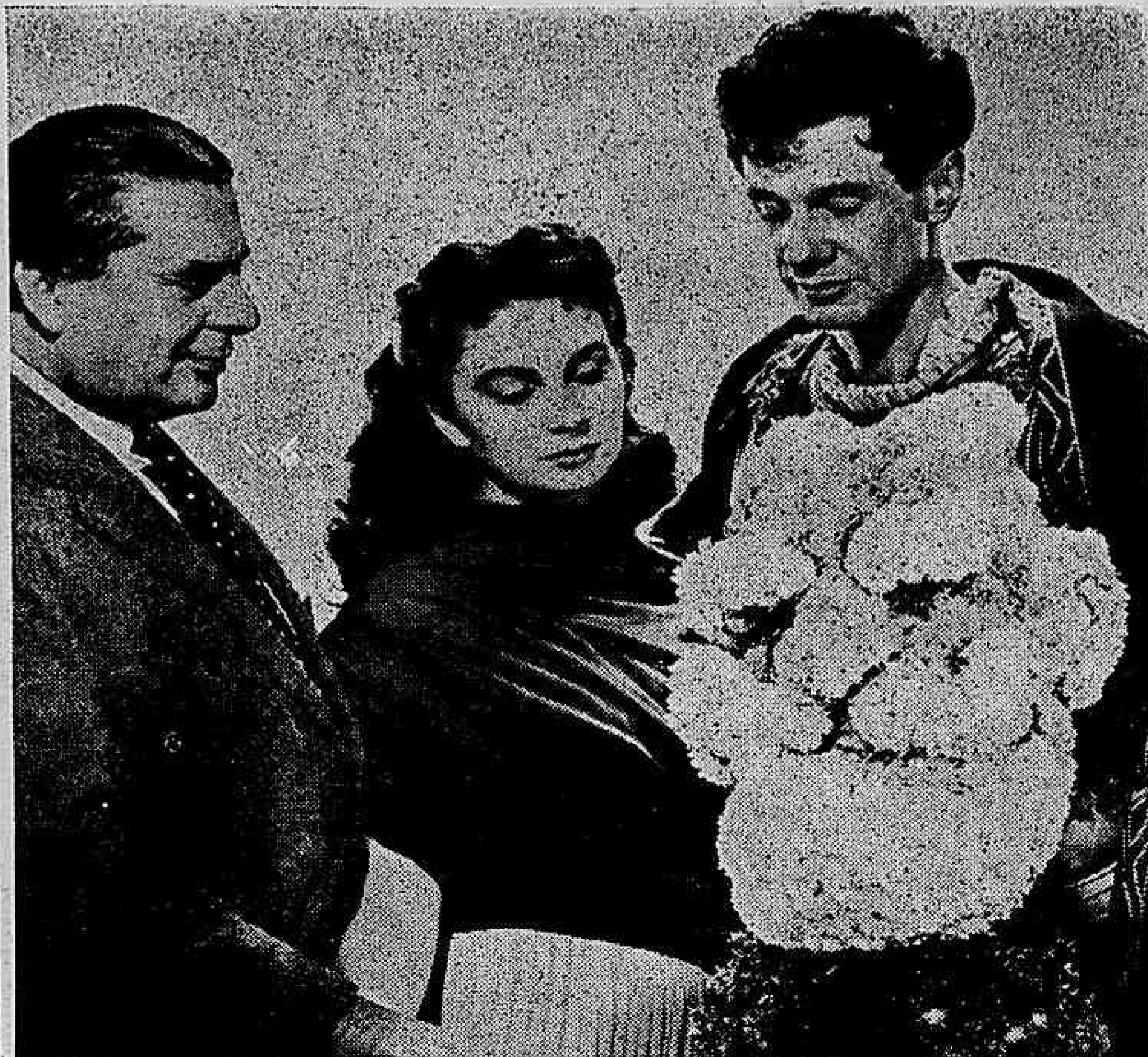
FICHA 74 — REYNALDO IVO DAUDT, 27 anos, 1,70, 60 quilos, curso até 2º ano básico, comerciário, galã do «Grupo dos 16», teatro de amadores. Considerado o melhor galã de 1950 pela Federação Rio Grandense de Amadores Teatrais. Dez anos de experiência artística. Deseja ser ator, papéis dramáticos. Reside em Pôrto Alegre, RGS.



FICHA 75 — ANA RITA TEIXEIRA MENDES, 18 anos, 1,60 50 quilos, cursos ginasial e normal, estudante, deseja ser artista no gênero dramático, experiência teatral. Já representou várias vèzes e é muito fotogênica. Reside em Passos, Sul de Minas.



JOSEPH COTTEN diverte-se contando anedotas a Loretta Young nos intervalos da filmagem de «Half Angel», filme em que Loretta interpreta o papel de uma garôta de dupla personalidade, uma boa e outra ruím, o que lhe proporciona uma boa oportunidade de dar largas ao seu reconhecido talento, saindo-se, aliás, muito bem, quer nas cenas cômicas como nas dramáticas.



«ANDROCLES E O LEÃO» já começou a ser filmada. Baseada numa peça de Bernard Shaw, tem como produtor Gabriel Pascal e no seu elênco encontram-se Jean Simmons e James Donald nos papéis título. Na foto acima vemos Jean, ladeada por Gabriel Pascal e James Donald que segura um bonquet de flores que reconstituiu as feições do famoso dramaturgo

Flashes Mundiais

ESTADOS UNIDOS

EIS como algumas conhecidas revistas norte-americanas se manifestaram sôbre a mais recente produção da M.G.M. Sôbre "Um Americano em Paris", o "Coronet" de junho, qualificando essa produção de Arthur Freed como "o filme do mês", diz: "Com a música incomparável de George Gershwin, o talento de Gene Kelly, dançando e representando, e o maravilhoso trabalho do pianista Oscar Levant, a Metro-Goldwyn-Mayer realizou um musical de infinita expressão". Como o "News Week", de 30 de abril se manifestou a respeito de "O Netinho de Papai": "Verdadeira jóia — um presente tão valioso quanto "O Papai da Noiva". Os artistas, impecáveis. Spencer Tracy provando, mais uma vez, sua qualidade de fino comediante". "Quick", em seu número de 30 de abril publica: "Teresa" oferece caracterizações magnificas. O principal acontecimento do filme é a jovem atriz italiana Pier Angeli, que faz aí sua estréia no cinema americano. De uma beleza delicada e envolvente, desempenha o difícil papel de uma noiva de guerra com tanta naturalidade, causando inveja a muita estrêla veterana." ★ AVA GARDNER foi a escolhida para ser a companheira de Clark Gable em "Lone Star", adaptado de um original de Chase e Howard Estabrook, e que nos conta a história de um dos primeiros jornais editados no Texas. "Lone Star" conta ainda com os nomes de Lionel Barrymore e Broderick Crawford. ★ "EVERYTHING I HAVE IS YOURS" é o novo titulo de uma comédia com Red Skelton e Vera Ellen, e que anteriormente se chamava "Broadway Baby". ★ Em "Too young to kiss", estrelado por Van Johnson e June Allyson, há uma importante cena em que tomam parte vinte membros da Orquestra Sinfônica Infantil Californiana, que obedece a direção de Peter Maremblum. ★ ELIZABETH TAYLOR encarnará a figura de Rebecca, em "Ivanhoe", de Sir Walter Scott. ★ LASSIE, o cachorro prodígio de Hollywood que há muito não vemos, vai voltar dentro em breve em "The Painted Hills", produzido em tecnicolor por Chester Franklin para a Metro, e que tem no elenco Paul Kelly, Bruce Cowling e Gary Gray. ★ "THE LIGHT TOUCH", sob a direção de Richard Brooks, será rodada em breve em terras da Sicilia e Tunis. Stewart Granger, Pier Angeli, George Sanders e Larry Keating estão no elenco. ★ MELVYN DOUGLAS foi contratado para interpretar o papel principal de "On the Loose", a ser produzida por "Filmakers", sob a direção de Charles Lederer. Não há muito, Melvyn Douglas apareceu em "My Forbiden Past", ao lado de Robert Mitchum e Ava Gardner. Neste filme, o ator Melvyn será o «pai» de Jean Evans. Do elenco de «On the Loose» faz parte também Connie Hilton, no papel de amiga de Joan Evans. A película tem como assunto a vida de uma família moderna, em que os pais não compreendem suas responsabilidades de adultos para com os filhos.



JOAN FONTAINE
Conseguirá conquistar Ali Khan?



GEORGES GUETARY
Foi aos Estados Unidos fazer plástica no nariz

FRANÇA

GEORGES GUÉTARY, se bem que ainda não seja muito conhecido do nosso público cinematográfico, é um dos artistas que, sem dúvida, mais popularidade desfruta em Paris, atualmente. Trabalhando com Maria Lopez na peça teatral «Pour Don Carlos», de Pierre Benoit, da Academia Francesa, Georges Guétary depois de sua «tournée» pelos Estados Unidos tem sido alvo da curiosidade de toda a imprensa parisiense. Com Tino Rossi e Luís Mariano, Georges Guétary forma o trio dos grandes intérpretes da canção francesa atual. Quando em Hollywood, Georges filmou «Un americain à Paris», voltando agora à sua terra natal, continuará sua carreira frente às câmeras parisienses. Em sua lista de atuações, encontra-se «Trente et Quatre», «Les Aventures de Casanova», «Jo la romance» e finalmente «Amour et compagnie». Aproveitando a sua estada na América, submeteu-se a uma delicada intervenção cirúrgica, a fim de corrigir o perfil um tanto prejudicado pela linha muito pronunciada do nariz.

ITALIA



Em «TRADIMENTO» Gianna Maria Canale faz papel de filha de Amedeo Nazzari, que depois de quinze anos de afastamento completo volta a encontrá-lo, quase nascendo daí um romance de amor.

TRADIMENTO, é o título do último filme de Amedeo Nazzari. Êste filme que conta ainda com o concurso de Gianna Maria Canale, Camilo Piloto, Caterina Boratto e Vittório Gassman, conta-nos a atribulada história de um pai (Amedeo Nazzari) que se afasta de sua filha (Gianna Maria Canale) durante quinze anos e que reencontrando-a, sem contudo reconhecê-la, apaixona-se perdidamente por ela, vindo felizmente descobrir a tempo a impossibilidade dêste amor monstruoso. «TRADIMENTO» obedece a direção de Ricardo Fredda, um dos prestigiados nomes da cinematografia italiana. ★ MARIA FELIX é a estrêla de «Femina diabólica», rodado na Itália. ★ Nada menos de três estrêlas de fama internacional foram convidadas para interpretar o papel título de «Messalina». Foram elas, Anna Magnani, Maria Felix e Yvone de Carlo, tôdas três porém recusaram.



MARIA FELIX, sempre lembrada como a mulher mais linda do mundo, é sem dúvida uma das artistas mais em evidência atualmente. Depois do sucesso que alcançou quando de sua estadia em Paris, e depois de filmar várias películas na Espanha, transferiu-se para a Itália onde se encontra presentemente. Ali Maria Felix vem trabalhando em uma película italiana que se entitula «Oliva, incantesimo tragico», ao lado dos consagrados nomes de Rossano Brazzi, Massinio Girotti, Charles Vanel e Irma Gramatica. Na foto vemos a bela estrêla nos estúdios de Cinecittá num dos intervalos da filmagem.



ALEMANHA

DENTRE os inúmeros filmes da produção cinematográfica alemã da atualidade, um há, que a julgar pelas credenciais de que vem precedido, faz-nos crêr seja o melhor. Trata-se de «A BALADA DE BERLIM», dirigido por R.A. Stemmle, e o primeiro a ter sido editado após-guerra. Vem êle sendo alvo dos mais lisongeiros comentários por parte daquêles que já tiveram a oportunidade de assistí-lo. Exibido no Festival Internacional de Veneza, conquistou o primeiro prêmio do certame. «A BALADA DE BERLIM» apresentada pela COMÉDIA FILME DE BERLIM trás em seu elenco os nomes de Gert Frobe, Aribert Wascher e Guenter Neumann, astros da nova geração cinematográfica alemã. O filme tem início no ano de 2049, quando um locutor se refere a «aqueles bons tempos de 1949». Naquêle tempo... e aparece então o grande passeio chamado o da Victória. Otto, ex-prisioneiro dos russos sonha com sua amada e distante Berlim. Depois... é tôda uma balada que retrata a atualidade de uma Alemanha destroçada, e onde se mesclam os mais variados contrastes de ironia, comicidade e drama, tôda uma série de situações que fazem de «A Balada de Berlim» um filme vivo e interessante, sob a experimentada direção de Stemmle, considerado atualmente o «René Clair do cinema alemão».

SARAH CHURCHILL, filha do ex-primeiro ministro da Inglaterra Winston Churchill vem de passar por dois grandes «tests» de sua vida, pois pela primeira vez apresentar-se-á na Broadway, na revista musical «Gramercy Gost» e também pela primeira vez enfrentará as câmeras cinematográficas em «Royal Wedding» ao lado de Fred Astaire e Jane Powell. Sarah deverá trabalhar ainda em mais quatro filmes, entre êles «Daniele Cortis» que será rodado na Itália. Na foto ao lado a vemos com seu marido Anthony Beauchamp.

O NOVO "GANGSTER" DE HOLL

SE não existissem, nas grandes cidades do mundo, como Chicago, Nova York, Paris e Rio de Janeiro, "gangsters" que fazem da arte de matar uma profissão, tenho certeza de que Hollywood os inventaria, sob qualquer pretexto. Sim, especialmente se considerarmos que os filmes de mortes e assaltos são dos mais rendosos e — por que não? — alguns mesmo dos mais artísticos do cinema. E foi justamente dêsse gênero de fitas que surgiram nomes que se tornaram famosos, como Humphrey Bogart e James Cagney, hoje um pouco afastados, talvez porque chegassem à conclusão de que o crime não compensa. E não falta mesmo, diante de exemplos tão brilhantes, pessoas que se candidatem a cada instante para substitui-los, não se importando de levarem balas pelas costas e tombarem mortos na sarjeta mais próxima, cuidadosamente enlameada pelos técnicos do estúdio — porque, isso, em última análise, representa não só alguns dólares no bôlso como uma idolatria fanática por parte do público que os consagra, definitivamente, elevando-os à categoria de astros, como nos casos de Richard Widemark, Dan Duryea, e outros mais.

Um dos últimos tipos aparecidos na tela encarnando "gangster" é o novato Steve Cochran, que figurou ao lado de Joan Crawford em "Os Desgraçados não Choram". Não só a sua fisionomia, o seu aspecto, suas maneiras rudes, convenceram os produtores de que Steve possuía realmente um tipo apropriado para tais gêneros de filmes, como seu próprio talento, revelando possibilidades dramáticas excepcionais. Steve Cochran é o primeiro a reconhecer que, desde criança, tinha certa predileção por leituras policiais, onde os detectives procuravam assassinos mergulhados na sombra do mistério e envoltos em mil e um perigos. Êsse gênero deixou-o fascinado e não raro demonstrou certa predileção de interpretar criminosos no cinema, pois achava que tinha um tipo e vocação especial para isso. Depois de sua primeira chance, não lhe faltaram propostas, diante das críticas favoráveis, e, uma vez que o famoso Bogart estava aparentemente regenerado (no cinema), após seu casamento com Lauren Bacall (na vida





real), os estúdios da Warner acharam que êle poderia ser um substituto de Humphrey para tais filmes. E vieram automàticamente outras oportunidades. Em "Estrada 301", por exemplo, Steve é chefe de uma quadrilha terrível que assalta o banco principal de uma cidade. Em "Escrava da Cobiça", dirigido por Edwin L. Marin, recentemente falecido, faz o papel de um bandoleiro terrível que assola cidades inteiras, conquistadas com seu revólver. Mas é em "Um Grito de Angústia" onde êle se revela um autêntico "gangster", não só aclamado pela crítica de Los Angeles, como arrancando aplausos do próprio "gangster" "Chuck Daniels", que êle vive no filme. E assim, enquanto a polícia luta para exterminar os "fora da lei", Hollywood consegue, dentro de seus estúdios, fabricar mais alguns "gangsters", com o intuito de mostrar ao mundo que "o crime não compensa". Mas Steve Cochran, sorrindo irônicamente, diz satisfeito: "Ora, se compensa!..."



A guarda-policial londrina não foi suficiente para conter o ímpeto das fãs que aguardavam, desde as primeiras horas da tarde, no Carlton Theatre, a chegada de John Wayne, Tyrone Power e Forest Tucker.



Também durante o «party» no Savoy Hotel, foi tirada esta foto de John Wayne dançando uma escaldante rumba com a estrêla Constance Smith.

SENSACIONAL PREMIÈRE, EM LONDRES

HÁ muito tempo, desde os dias que antecederam a Segunda Guerra Mundial, não se realizava um espetáculo tão *feérico* e elegante como o presenciado em Londres, no "Carlton Theatre", com a sensacional *première* do filme da Republic, "Rio Bravo". Na rua, contornando o cinema, enormes multidões de fãs aguardava ansiosamente, desde cedo, o momento da chegada de artistas de Hollywood e demais convidados que iriam comparecer a êsse brilhante evento. A chegada de Forrest Tucker, pouco antes das 20 horas, deu o sinal às fãs mais impetuosas e o cordão de isolamento da polícia londrina não foi suficiente para conter a fúria da multidão até as portas de entrada. Tôda a fachada do cinema, *displays*, cartazes e vitrinas foram, respectivamente, esmagados, rasgados e partidos em virtude dessa invasão e, por um momento, teve-se a impressão de que a guarda-policial seria também abatida. E assim foi durante a chegada de cada celebridade, tendo John Wayne, o astro do filme sido obrigado a entrar pela porta dos fundos porque a polícia temia não ser suficiente para conter nova investida dos espectadores da rua. Dezenas de holofotes iam focalizando as pessoas que se encontravam no *foyer* do cinema enquanto que centenas de fotógrafos faziam verdadeiras ginásticas acrobáticas para obter, por cima das cabeças da multidão, fotografias para os diversos jornais e revistas que representavam. Êsse foi, de fato, um alto acontecimento mundano na vida social de Londres e que o público britânico dificilmente poderá esquecer.



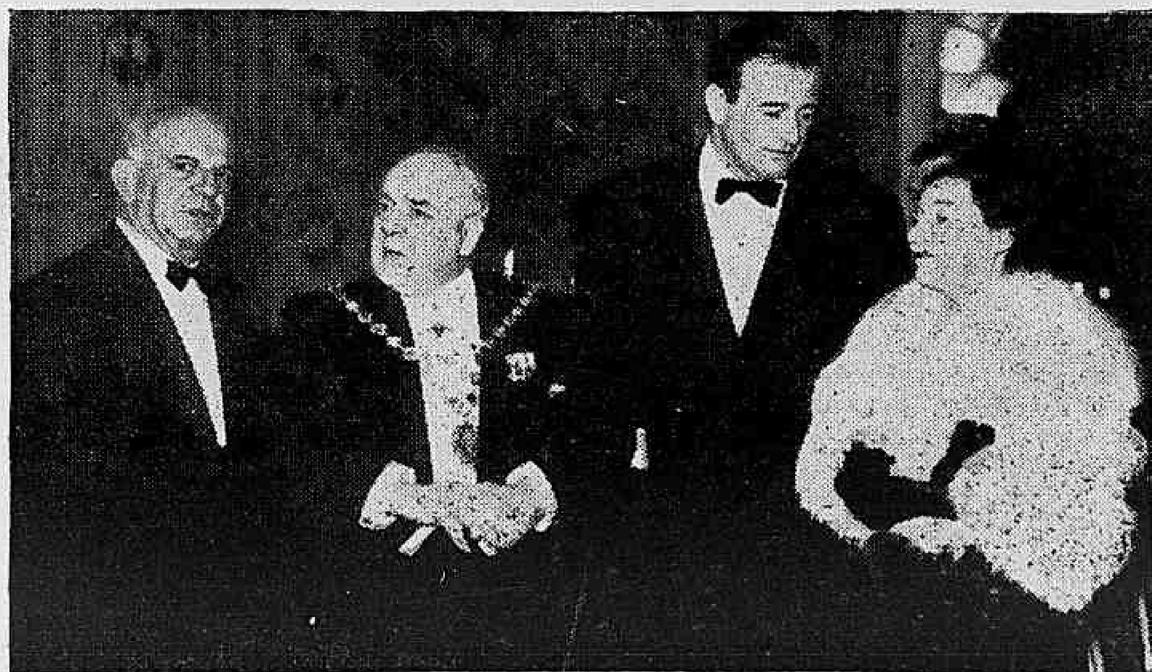
John Wayne, o astro de «Rio Bravo, chega à Londres, de avião, para assistir a «première» dessa película que foi dirigida por John Ford.



O astro inglês, Michael Renie e sua espôsa, conversam animadamente com John Wayne logo após a exibição da película.



Tyrone Power, acompanhado por sua espôsa, Linda Christian, cumprimentam John Wayne e o presidente da Republic, Herbert J. Yates, ao chegarem para a «première».



Também o prefeito de Westmister, Cl. W.E. Rice e respectiva espôsa, compareceram à essa «première» de gala sendo vistos, nesta foto, ao lado do presidente da Republic, Herbert J. Yates e do astro John Wayne.

SAIRÁ EM JULHO!

O ÁLBUM DE A CENA MUDA

3.° NÚMERO — EDIÇÃO DE 1951

COM OS FAMOSOS ASTROS DA ATUALIDADE



CINEMA
RÁDIO
TEATRO
MÚSICA

MATÉRIA INTEIRAMENTE NOVA

— Dezenas de fotografias em tamanho grande, coloridas e numa só côr.
— Biografias completas no verso de cada foto.
— Vários artigos assinados por competentes críticos de cinema, rádio e música.
— Noventa e seis páginas, inclusive 4 de bom humor.

RESERVE DESDE JÁ O SEU EXEMPLAR

NAS BANCAS DE JORNAIS DE SUA CIDADE.



Irene Dunne, que só vestiu costumes típicos nos seus três últimos filmes, apresenta-se com vestidos da moda em "Perdida de Amor" (Never a Dull Moment) da RKO. Nessa comédia, que se passa na época atual, Irene Dunne aparece com penteados e vestidos modernos. Ela faz o papel de uma compositora musical, de Newe York, que se apaixona por um vaqueiro. Fred McMurray, e vai para o Oeste, onde êle tem o seu rancho. Naturalmente, lá, no Oeste, a nossa heroina não tem muita oportunidade para pôr vestidos elegantes, mas já não é o mesmo que andar sempre com costumes estrangeiros... E Miss Dunne está contente com a mudança... Harriet Parsons, que produziu "A vida de um sonho" (I Remember Mama) é a produtora de "Perdida de amor". Irene Dunne, que recentemente fêz 3 outras fitas de importância, *"King Of Siam"* e *"Life With Father"* e *"The Mudlark"* canta três canções na sua atual produção. A última vez em que ela cantou na tela foi em "Penny Serenade", em 1941.

Irene Dunne nasceu em Louisville, no Estado de Kentucky, e foi criada nas tradições do Sul. Seu pai era arquiteto e dono de barcos a vapor no rio Ohio, e sua mãe, uma "virtuose" musical. Quando pequena, costumava parar no cais, para escutar as cantigas dos negros... Essa atmosfera musical serviu-lhe mais tarde, quando estreou na opera "Show Boat", da Companhia Ziegfield, em tournée pelo país. Cursou a Academia de Música de Chicago, na esperança de cantar na ópera. Mas, quando visitou New York, Ziegfield deu-lhe um contrato para sua própria companhia. Miss Dunne é uma mulher de aspecto muito dis-

É tudo fita, amigos. Trata-se de seu próximo filme, «Perdida de Amor», onde Irene Dunne se vê apaixonada pelo impagável Fred McMurray. E de que forma!

IRENE DUNNE, PERDIDA DE AMOR!



William Demarest aparece no filme como um homem irascível. E', contudo, um cidadão calmo na vida real.



Irene Dunne canta três canções nesse filme. A última vez que cantou na tela foi em «Penny Serenade», em 1941.



Talento versátil, Irene Dunne adapta-se a qualquer gênero de filme. Depois de um drama, aparece na comédia.

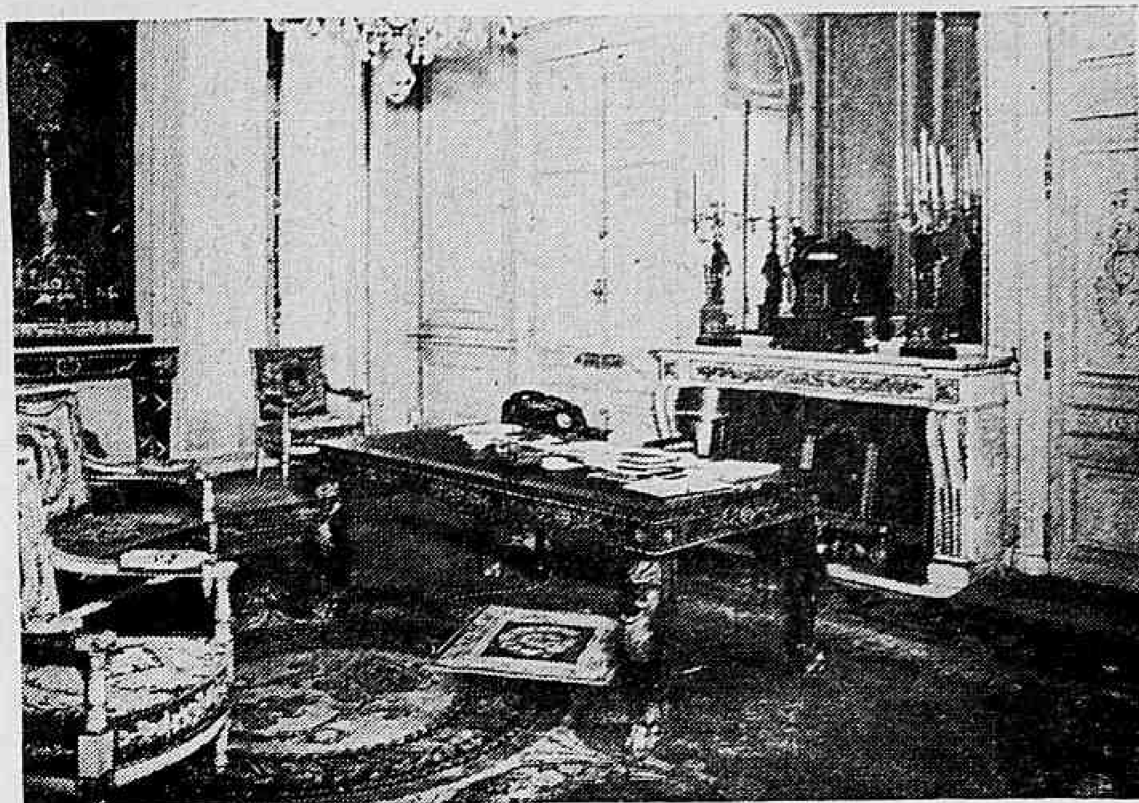
tinto, com 5 pés e 5 polegadas de altura, olhos cinzentos, e mãos longas como as de todos os músicos. Elza Maxwell, a jornalista americana, incluiu-a entre as dez damas mais distintas do mundo contemporâneo... Miss Dunne gosta do estudo de astrologia. Seu pai possui um observatório, e ela pensa ter algum dia... Casou-se com o Dr. Francis Griffin, de New York, no dia 16 de julho de 1927, e é famosa pela sua habilidade de fazer carreira sendo, ao mesmo tempo, uma excelente dona de casa... O casal adotou uma filha, em 1936, e tem uma linda casa entre Beverly Hills e Brentwood... Um dos maiores êxitos de Miss Dunne foi em "Cimarron". Ela é uma das mais versáteis artistas de Hollywood, interpretando igualmente bem o drama e a comédia...



Fred McMurray, um dos melhores comediantes do cinema, na opinião de Irene, está verdadeiramente irresistível em «Perdida de Amor». Vejam só...

ELYSÉE, CASA DA REPÚBLICA

(De **RENÉ JEANNE** — Especial para A CENA — Copyright S.F.I.)



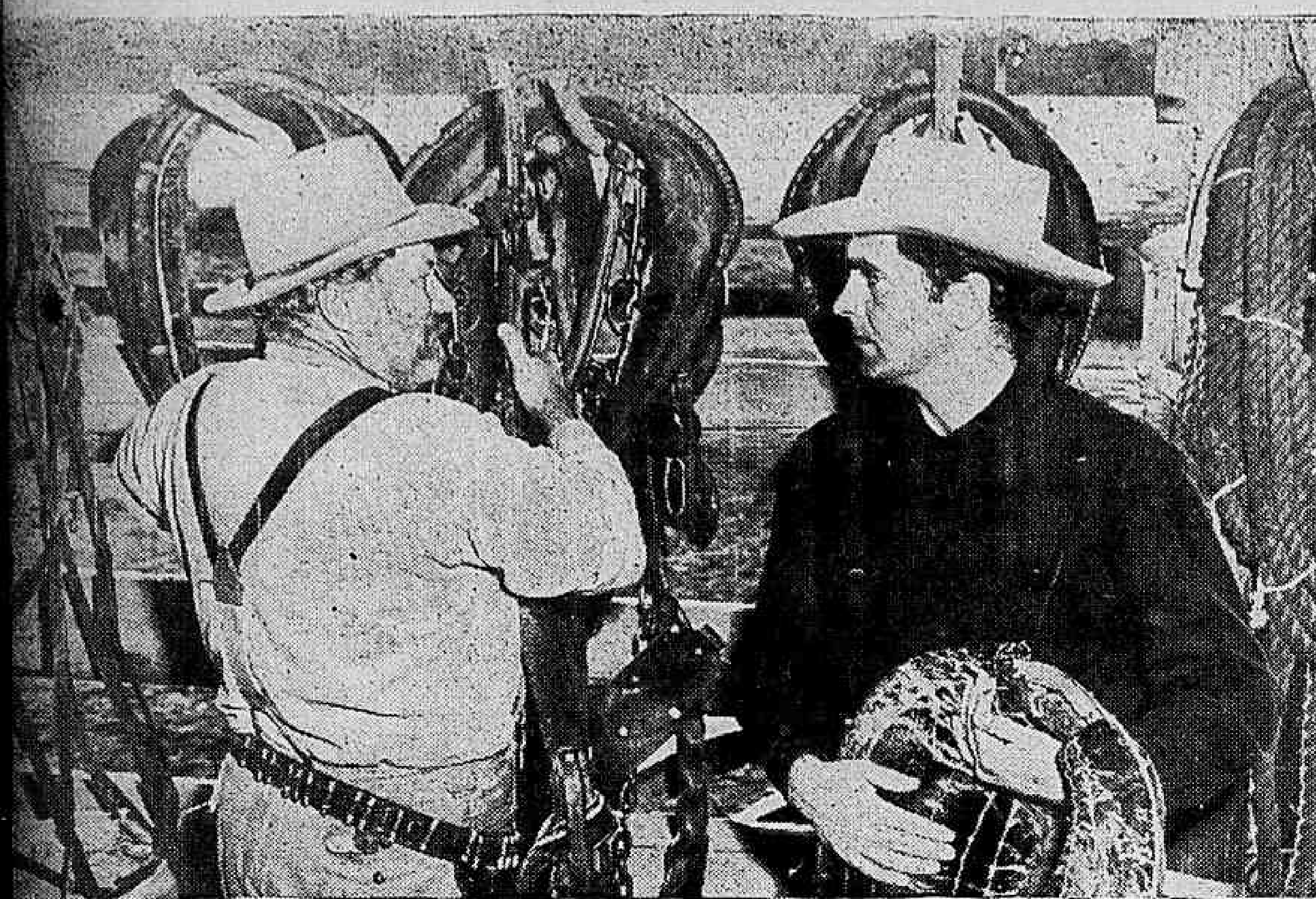
Êste filme é o que se costuma chamar, em gíria profissional, um filme de "curta metragem", e, no entanto, não é exagêro dizer que ultrapassa em importância a sua dimensão, quer por causa do assunto, quer pelo papel que lhe está guardado. E' conhecida a riqueza em moradias históricas de Paris; seria uma longa lista do Louvre e o Palais Royal ao humilde casebre do marceneiro Duplay, onde Robespierre viveu os meses mais febris da sua curta existência politica. No meio dêste incomparável patrimônio, o Palácio do Elysée ocupa um lugar de destaque pelo pitoresco e o movimentado de sua história. Que de memórias sob êstes lambris dourados e que de sombras graciosas sob a ramagem do belo parque, dos mais belos da capital. Seria preciso um volume para evocar todo êsse passado do palácio de Mme. Pompadour a Caroline Murat, acolhendo ora o belo Junot, ora o hábil Matternich, da duqueza de Berry, que aí viveu a curta felicidade conjugal tràgicamente terminada pela punhalada de Louvel, à bela Eugenia de Montijo, que aí abrigou sonhos ambiciosos na véspera do seu casamento de conto de fadas, do conde de Evreux, que o mandou construir, a Luís XV, que aí instalou o guarda-móveis da Coroa, enquanto Gabriel não terminava o que se construia a dois passos, na praça que hoje se chama da Concórdia, do financeiro Beaujon, a quem um grupo de bonitas mulheres — as suas "berceuses" — procurava fazer esquecer as enfermidades de homem muito rico, até ao cidadão Hovin, que, chegada a tormenta, transformou o Palácio e jardins num lugar de divertimentos populares — "as Folies-Bourbon" — onde se ia dançar enquanto na praça próxima a Revolução funcionava a guilhotina. Mas, por pitorescas que sejam, estas lembranças cedem a dois acontecimentos de alta importância pelas consequências que tiveram para o país: a abdicação de Napoleão I, após Waterloo (1815) e a preparação pelo Principe-Presidente Luis Napoleão do golpe de Estado — "uma operação de policia um pouco rude" que ia fazer dêle o Imperador Napoleão III (1851).

Tudo isso, o filme de Jean Masson e de Vaucorbeil, a quem Huguette Boussant forneceu a documentação necessária, é mostrado ou antes evocado de maneira discreta, sem recorrer nunca à menor reconstituição dos personagens ou dos fatos, e pelo simples passeio que faz o espectador através de salões, quartos e galerias, detendo-se em frente de um quadro, de um busto, de uma decoração mural, de um móvel significativo, como a pequena mesa, por exemplo, onde Napoleão I, vencido, assinou a abdicação em favor de seu filho... Êste rápido passeio, termina pelo desfile dos retratos dos doze Presidentes que, de 1871 a 1940, e de Thiers a Albert Lebrun, se sucederam na primeira magistratura do país e fizeram do Palácio de Elisée "a Casa da República".

A segunda parte do filme é de gênero diferente. Terminou o passeio ao passado. E' de agora que se vai tratar... Esta segunda parte constitui, com efeito, um "documentário" sôbre a vida que em 1951 o Presidente da República leva no Elysée, documentário à base de reportagem, o que não deixava de ser perigoso. Dêstes perigos, Jean Masson e Vaucorbeil, esquivaram-nos hàbilmente, retardando até ao último minuto a esperada aparição daquele que é o ator: o próprio Presidente. E não o podendo evitar, é de longe que o mostram, presidindo, não um solene Conselho de Ministros, mas uma reunião de trabalho cotidiano com os seus colaboradores imediatos: casa civil, casa militar, secretariado geral. E ainda, com menos aparatos e gravidade, no exercício direito de graça que lhe concede a Constituição, última sobrevivência dos privilégios ligados à pessoa dos Reis de que êle é herdeiro, recebendo um advogado que vem tentar o último passo a favor do seu cliente condenado à morte. E' com a imagem do encontro angustioso dos dois homens, ávidos de ceder à piedade sem torcer a Justiça, que termina humanissimamente o filme.

O resto do tempo o Presidente é invisível — e no entanto presente — os autores do filme contentando-se com a secretária à qual se senta e onde o esperam os documentos a examinar, com o automóvel que o leva, precedido e rodeado de motocicletas, a qualquer visita oficial fora do Elysée revelaram grande tato na fatura do filme.

(*Cont. na pág.* 28)



Trabalhando na mala postal transcontinental de Rawhide, vemos o veterano mal cuidado Sam Todd (EDGAR BUCHANAN) e o jovem Sam Owens (TYRONE POWER), que acabam de chegar do Oeste, para conhecer a rota.





Entre os passageiros encontram-se Vinnie Holt (SUSAN HAYWARD) e sua filhinha Callie. No momento em que parte a diligência, aproximam-se alguns cavaleiros com a informação de que Rafe Zimmerman (HUGH MARLOWE), «lampeão» temível, acha-se nos arredores, com mais alguns homens. De fato, Zimmerman não tarda. Vem seguido de Tevis (JACK ELAM), Gratz (GEORGE TOBIAS) e Yancy (DEAN JAGGER). Êle diz a Tom que a diligência rumo Oeste tem de passar, pois está interessado num embarque de ouro na próxima diligência, que se dirige para Leste. Sam é morto a bala a sangue frio.

"O CORREIO DO INFERNO"



Com a aproximação da diligência rumo Oeste e, a fim de manter Vinnie longe das vistas de quem quer que seja, Zimmerman fá-la esconder-se com Callie numa garganta nas rochas, sob guarda de Tevis e Gratz. Tom, advertido de que um movimento em falso significará a morte de Vinnie, mantém silêncio desesperado enquanto Zimmerman fala aos passageiros para desviar suspeitas.



Vinnie e Tom são trancados novamente e êle faz ver a ela que é preciso escapar antes de entrar a diligência rumo Leste. Com um facão trazido às escondidas, trabalham para fazer um buraco na parede. Pouco mais tarde, entretanto, a faca lhes escapa das mãos, caido fora do quarto.

Tyrone Power, depois de "Jess James", aparece pela primeira vez num filme do Oeste — "O Correio do Inferno", filmado pela Twentieth Century-Fox num logarejo chamado Lone Pine, na Califórnia. Neste drama de extraordinária ação e suspense, Power trabalha ao lado de Susan Hayward. Dirigiu o filme "Henry Hathaway". A produção coube a Samuel G. Engel e o argumento veio da pena de Dudley Nichols.



★

Hugh Marlowe, Dean Jagger, Edgar Buchanan e Jack Elam tiveram papéis de destaque, juntamente com George Tobias, Jeff Corey, James Milican e Louis Jean Heydt, a quem foram confiadas as diversas caracterizações. E aqui apresentamos, em primeira mão a sinopse ilustrada dessa película.

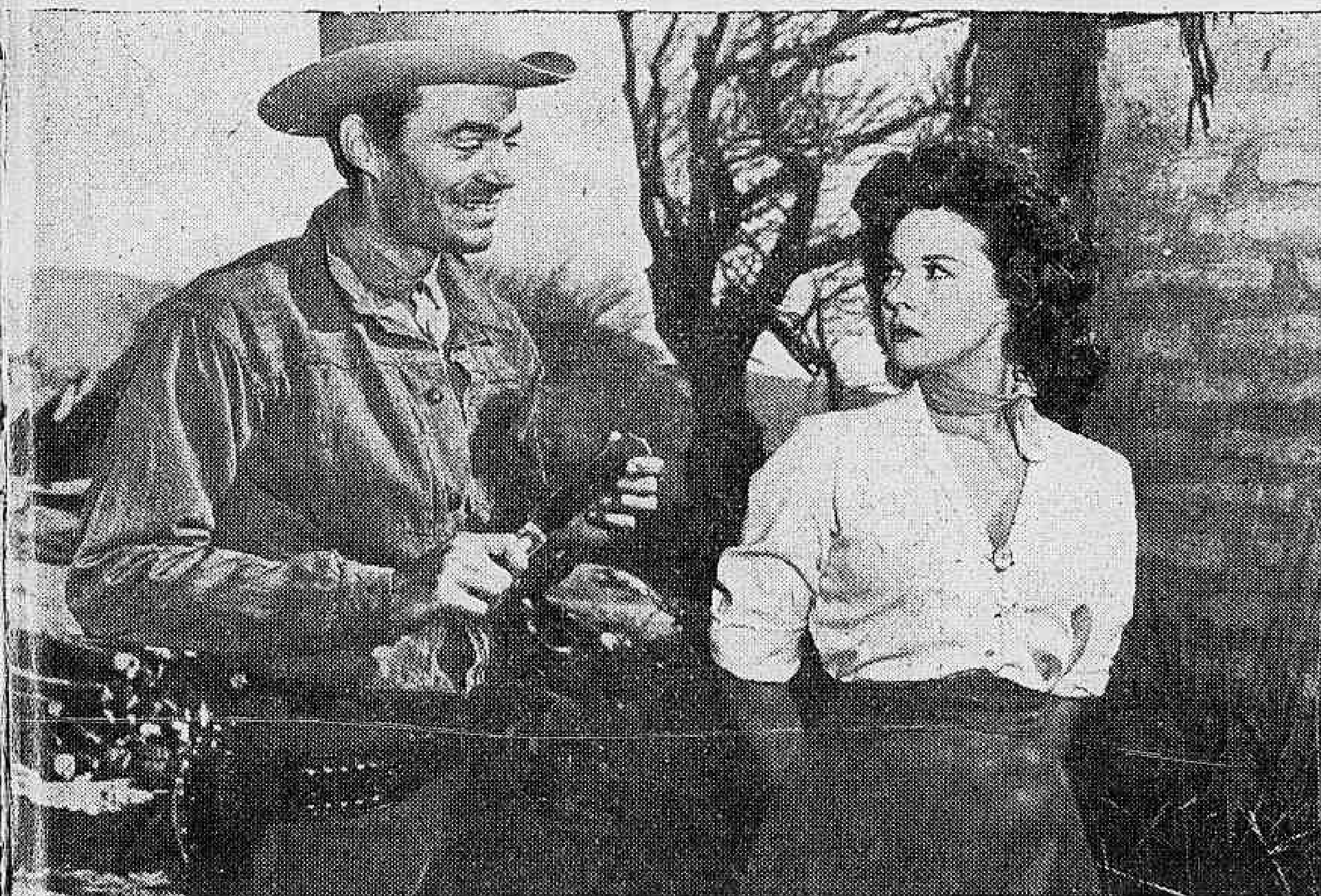


Tom consegue alcançar o bebedouro, toma da arma e há o início de um tiroteio com Tevis. Tevis finalmente tem a supremacia, mas é morto por Vinnie. A diligência chega, com tripulação e passageiros armados até os dentes, mas Vinnie, ao invés de seguir, diz a Tom que prefere ficar em Rawhide, com êle.

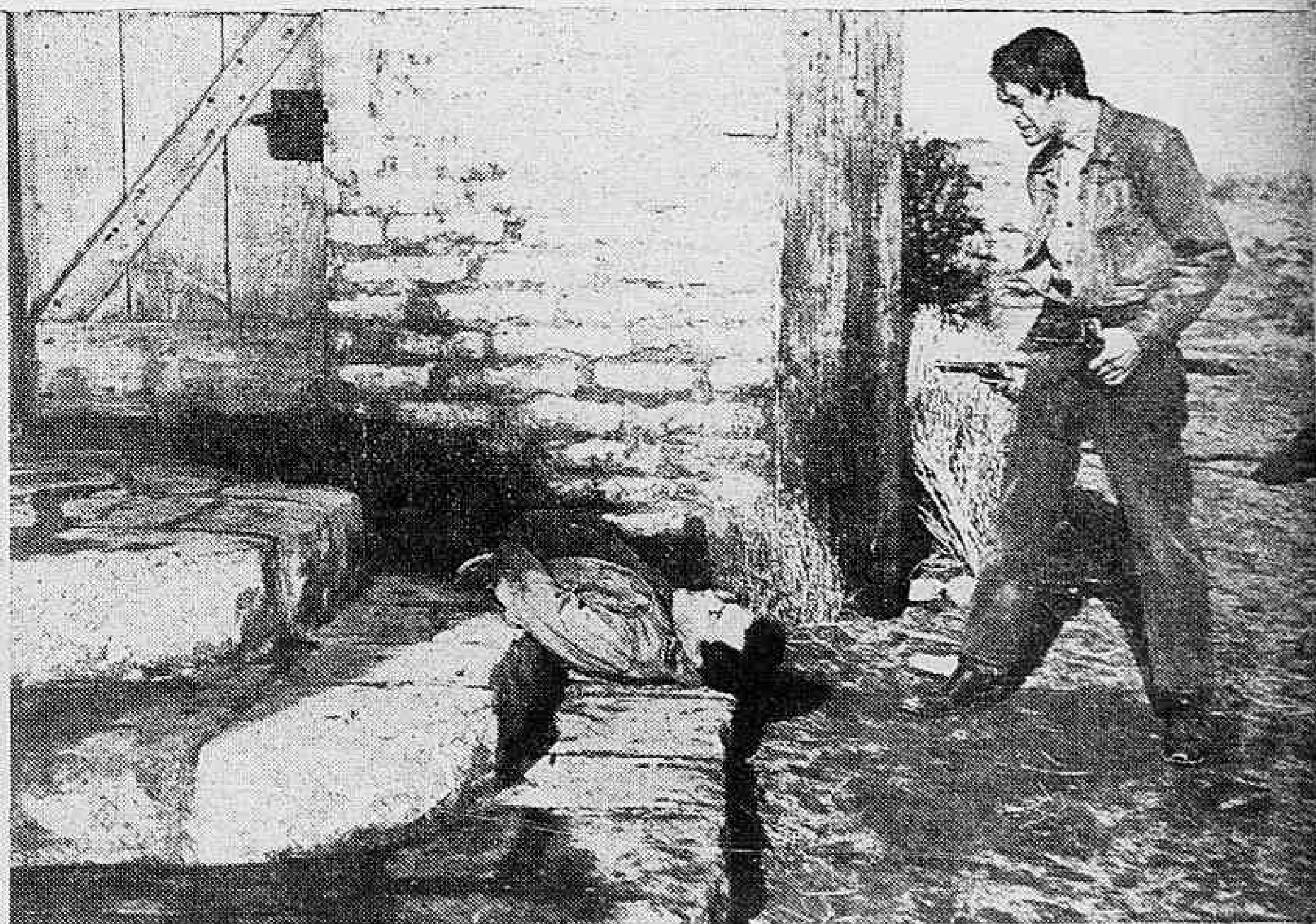




Afim de proteger Vinnie, Tom explica que ela é sua espôsa. Zimmerman prende ambos num quarto, na estação. Mais tarde, enquanto enterram Sam, Vinnie diz a Tom que esquecera o seu revolver atrás do bebedouro. Apesar de várias tentativas para rehaver a arma, êle não consegue chegar até ela, pois o vigiam incessantemente.



Com o pretexto de que ela precisa levar o bebé para fora, Vinnie quase readquire a faca, que entretanto lhe é bruscamente arrancada por Tavis, que estivera espreitando. Ouve-se a diligência aproximando e Zimmerman ordena a Tom de atrelar os cavalos de muda. Callie, abandonada por alguns instantes, sai pela abertura da parede. Vinnie dá com os punhos na porta.



Tevis abre e a põe «knock-out», quando a mesma tenta escapar, depois atira em Zimmerman. Yancy e Grazt, não sabendo mais o que fazer sem as ordens de Zimmerman ficam desorientados. Aí, então, Tom procura fugir, Tevis ao seu alcance. Gratz atira em Tevis, acertando na mão. Por sua vez, êle mata Gratz.

Antes e Depois



KEENAN WYNN

KEENAN Wynn nasceu na Cidade de Nova York, a 27 de julho, filho do famoso comediante, Ed Wynn. Educado em escolas particulares e na St. John's Military Academy em Ossining, Nova York, Keenan recebeu seus conhecimentos teatrais no Lakewood Summer Theatre, em Showhegan, no Maine. Mais tarde veio para a Broadway onde apareceu em inúmeras peças, inclusive «Twentieth Century». Trabalhou também no rádio, durante certo tempo. Em 1942 a Metro contratou-o.

Seu talento cômico ficou patenteado em filmes como «See here, Private Hargroove» e «Easy to Wed». «Núpcias Reais» é o seu mais recente filme e deverá aparecer brevemente em «Texas Carnival». Filma atualmente «Belle of New York».



★



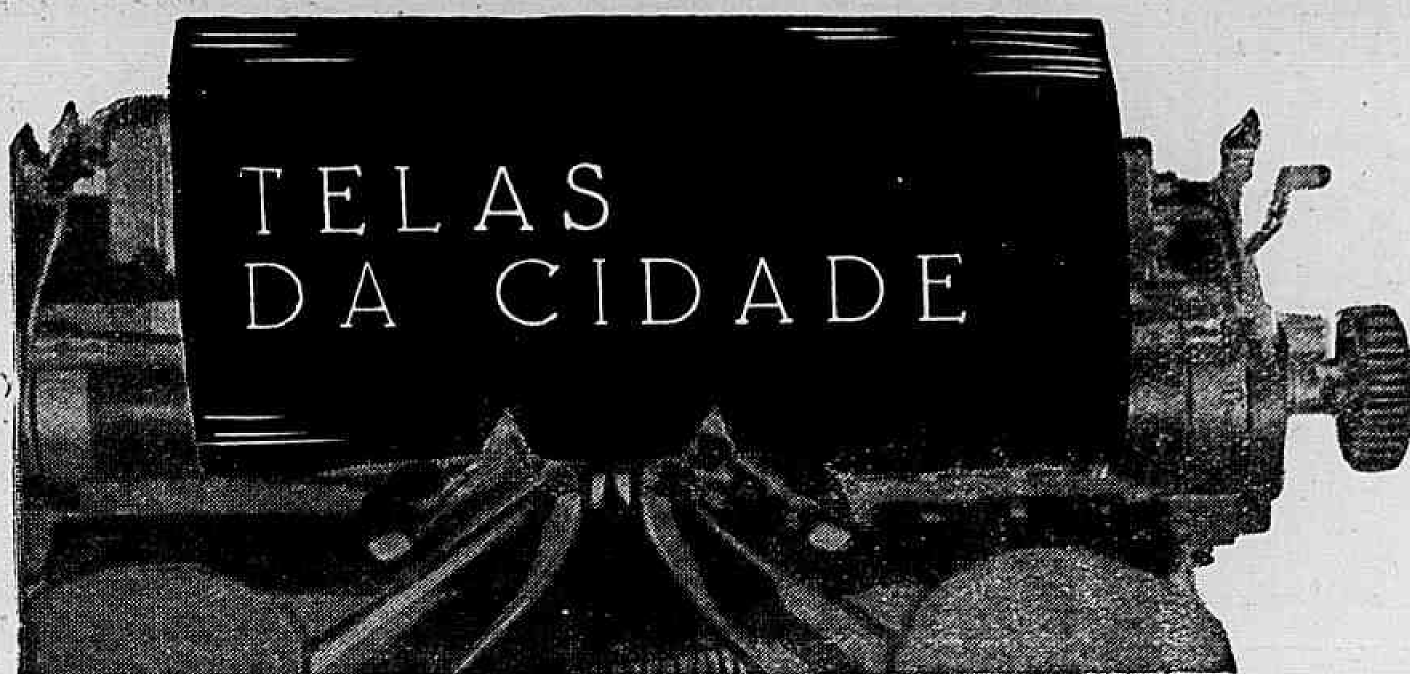
JANET LEIGH

JANET Leigh é uma californiana que venceu no cinema. Nascida em Merced, a 6 de julho, freqüentou a escola pública em Stockton, para onde se mudara a família, e depois estudou música no «College of the Pacific».

Nunca pensou em se tornar atriz, porém ingressou no cinema quando Norma Shearer, após ver sua fotografia, «descobriu» Janet.

Após um «test», a garôta loura de olhos azuis fêz sua estréia em «The Romance of Rosy Ridge», da Metro-Goldwyn-Mayer, com Van Johnson. Seguiram-se muitos outros sucessos, desde então, inclusive «It's a Big Country». Deverá aparecer brevemente em «Strictly Dishonorable», ao lado de Ezio Pinza.





COTAÇÕES

1 - Fraco; 2 - Regular; 3 - Bom ;4 - Muito bom; 5 - Ótimo

SANSÃO E DALILA

(*Samson & Delilah — Paramount*)

Cecil B. DeMille continua inspirando-se em páginas bíblicas a fim de transportar para a tela material de interêsse estritamente popular, tal a forma como êle as apresenta ao público. De Mille tem a habilidade de misturar tudo de tal forma que resulta num espetáculo grandioso, embora falso, e que consegue agradar plenamente as massas. Atores lutam com leões, leões lutam com atores, amor e traição, traição e amor. Templos gigantescos, movimentação de milhares de extras, tudo em tecnicolor e ainda por cima com Haddy Lamarr, como se ainda não bastasse Victor Mature. E entre aquêles cenários visivelmente de papelão se desenrola tôda a fita, sob os gritos de De Mille que, terminada a rodagem, esfrega as mãos de contente, a Cr$ 10.000 por cabeça. Muitas piadas foram feitas a respeito da fita. Mas a melhor piada continua sendo o próprio filme.

Cotação artística: 1 ★ *Cotação comercial*: 5.

★

A FLOR DOS MARIDOS

(*The Skipper Surprised His Wife — Metro*)

Comediazinha fraquinha e sem graça de um marido que substitui a espôsa enquanto ela está de cama, por haver fraturado a perna, e termina fraturando a perna êle mesmo. O melhor seria que ambos fraturassem as duas pernas logo no início e o espectador tivesse um passe livre para visitá-los no hospital. Nêsse caso, ainda teriamos o comsôlo de bater um papo com a enfermeira. Robert Walker e Joan Leslie fazem a dupla de infelizes. Uma calamidade.

Cotação artística: 0 ★ *Cotação comercial*: 2.

★

TOCÁIA

(*Produção nacional — Cinelandia Filmes*)

Baseado numa história desenrolada no interior do Brasil, o cenarista não teve habilidade bastante para preparar um roteiro compreensivo e natural. Tudo é falso e até mesmo confuso. A direção é débil e não convence de forma alguma. Os atores estão soltos dentro da cena, com os papéis decorados, as frases ditas sob comando, quase a pulso, sem sentimento e às vêzes mesmo sem sentido. Contudo, aí está presente uma vontade de vencer, uma vontade de realizar um filme honesto, como tem acontecido nas produções de Eurides Ramos, "Iracema" e "Pecado de Nina". A técnica, indiscutivelmente, coloca-se no nível da maioria das últimas produções nacionais, e a narrativa, com razoável continuidade, marcam, ao lado das outras películas já exibidas, um vestígio de que o cinema indígena encontrou o bom caminho. O que é preciso agora é segui-lo com firmeza, sem recuos e sem indecisões. Fotografias limpas, com algumas falhas perdoáveis e som de boa qualidade. Cyl Farney, inexpressivo, apezar de ser um bom tipo de galã, e Fada Santoro, bonitinha e até mesmo talentosa. Falta aos dois muita direção e mais segurança na interpretação. Graça Melo, um bom ator, procura superar a deficiência da direção, o que consegue, em alguns raros momentos. Renato Restier tem um bom tipo cinematográfico e deve ser melhor aproveitado. Música razoável e com intenção de acertar.

Cotação artística: 1 ★ *Cotação comercial*: 1.

★

NA NOITE DO CRIME

(*Woman on the Run — U-International*)

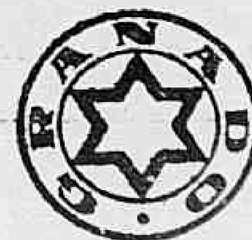
Firmado num excelente cenário, Norman Foster nos apresenta um filme policial de linha, diferente dos demais. Não só a história é original, como o tratamento recebido a valoriza, a par de uma belíssima fotografia e de um fundo musical apropriado. Não só o início da fita, como as cenas finais, tomadas de dentro da montanha-russa, em movimento, num parque de diversões, são excelentes, conseguindo um "suspense" formidável. Trata-se da captura de um criminoso, sem entrar em detalhes quanto ao motivo do crime. Dennis O'Keefe, cada vez melhor, firma-se definitivamente como astro. Ann Sheridan, um pouco envelhecida, mantém a sua velha classe.

Cotação artística: 3 1/2 ★ *Cotação comercial*: 3.





acaba com as Brotoejas



JOÃO FREY

AS CHAVES OCULTAS DO PODER
15,00

COMO LER OS PENSAMENTOS
15,00

COMO INTERPRETAR OS SONHOS
10,00

PALAVRAS CRUZADAS
15,00

VIGOR SEXUAL
AUMENTE CONSERVE
20,00

Peça os livros que lhe interessam!

PELAS FIGURAS

OU PELA LISTA ABAIXO

Yes Sir Inglês sem Mestre ..	12,00
Rigo - Alemão sem Mestre ..	12,00
Rigo - Italiano sem Mestre ..	12,00
Rigo - Francês sem Mestre..	12,00
Espanhol em Quadrinhos	12,00
Frases para Correspondência Comercial Inglêsa	20,00
Inglês para as Américas	20,00
Instalações Elétricas	60,00
Enxertia Prática em Figuras	15,00
Multiplicação Vegetal	15,00
A Conversação Inglêsa sem Mestre	25,00
Dicionário de Verbos Inglêses	22,00
A Arte de Desenhar Geral ...	30,00
A Arte de Desenhar Animais.	30,00
A Arte de Desenhar Cabeças.	30,00
Desenhar Caricaturas	30,00
Desenhar Letras	30,00
Estilos Artísticos	30,00
Desenho a Bico de Pena	30,00
Residências Brasileiras	40,00
Desenho Arquitetônico	150,00

ERROS DE PORTUGUÊS E SUAS CORREÇÕES
15,00

Cartas de Amôr
15,00

FALA E ESCREVE CORRETAMENTE
15,00

TECNICA E PRATICA SEXUAL
HAVIL
20,00

DICIONARIO PITMAN
INGLÊS PORTUGUÊS
25,00

NO INTERIOR — PEDIR POR REEMBOLSO POSTAL
Nos pedidos abaixo de Cr$ 100,00 aumentamos 10% para despesas.
EDITORA GERTUM CARNEIRO - Rua do México, 128 - 3ª - Rio
A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

GRANDE DESCOBERTA PARA OS CALVOS
(Trata-se da famosa descoberta verificada na Bahia)

«AMARALINA», Tônico Capilar. De base vegetal dá certeza absoluta que seus cabelos tornarão a nascer. Os fabricantes garantem devido a milhares de casos em todo o Brasil. Com um vidro detém a queda dos cabelos eliminando totalmente a caspa e com a continuação fará renascer os cabelos perdidos.

PARA ATENDER AOS INÚMEROS FREGUESES DO ESTADO DE SANTA CATARINA, «AMARALINA» É ENCONTRADA NA DROGARIA DA AV. BARÃO DO RIO BRANCO, 49, CIDADE DE CAÇADOR. — ACEITAMOS PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL A Cr$ 45,00, O VIDRO, LIVRE DE PORTE.

M. M. BURLE & CIA. LTDA.

AVENIDA RIO BRANCO, 137 — 6º — FONES: 32-9415 e 32-9309 — RIO DE JANEIRO.

CURSO DE ARTE CINEMATOGRÁFICA

pelo técnico francês Tristan Richepin, membro da «Sociedade de Autores» de Paris. «Mise en Scène». Estudos de cenários, cursos práticos de interpretação, ensaios com câmera. A começar de 1º de julho. Cartas para: T. Richepin, Rua Ronald de Carvalho 95. Apº 2, para remessa do regulamento.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILISTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

ELYSÉE, CASA DA REPÚBLICA

(Cont. da pág. 23)

Enquanto o Presidente sai, assistimos à preparação de um grande jantar, de uma recepção do Corpo Diplomático, de uma soirée oficial. Vemos Mme. la Presidente — "primeira dama de França" — no exercício das suas funções de dona de casa, dirigindo com sorridente autoridade o pessoal do Palácio... Descemos à cozinha, onde reina um "chef" imponente, de alto barrete branco.

Conhecemos o jardineiro responsável pela decoração floral da austera moradia.

Vemos a bela louça de Sèvres alinhada na mesa de duzentos talheres e o Chefe do Protocolo, fiel às regras da mais rigorosa e tradicional precedência, dispor diante de cada um dêles um cartão de bristol com um nome...

Tudo isso é conduzido com uma precisão técnica que não exclui a graça e, repeti-lo, um tato que é legitimo pensar se deve tanto aos autores como ao próprio Presidente e a Madame Vincent Auriol.

O filme de Jean Masson e Vaucorbeil acompanha o Presidente da Repúblico na sua viagem aos Estados Unidos. Está-lhe reservado o popel de mostrar ao grande povo americano a vida de trabalho, de simplicidade e dignidade que o representante da França leva em Paris. E', sem dúvida, a primeira vez que um filme é encarregado de semelhante missão: missão de informação; missão diplomática, missão de confiança. Não é arriscado pensar que tal missão será perfeitamente cumprida.

A MARCA RUBRA

(Cont. da pág. 13)

e em seguida lhe contarei as grandes proezas que realizei...

Choya percebia que o seu truque se estava desenvolvendo às mil maravilhas, mas quase se traiu quando ouviu o nome de Tonio ser mencionado. Virou-se ràpidamente, encarando de frente um jovem mais ou menos de sua idade e tipo. Atrás de Tonio um dos guardas fêz um sinal e Rubriz deixou o salão apressadamente. Choya mirou o jovem que era o verdadeiro Richard Lavery:

— Desejo mostrar-lhe u'a marca que você talvez conheça, — murmurou êle vagarosamente, abrindo a camisa.

O jovem Tonio olhou a marca no ombro de Choya com os olhos arregalados.

— Minha Nossa Senhora! Aquêle sinal também está em meu corpo!

Sòmente o seu é verdadeiro, — disse Choya ràpidamente. — O meu é uma tatuagem. Sente-se e lhe contarei algumas coisas a seu respeito que você talvez desconheça.

Poucos minutos depois a porta foi aberta violentamente. Com um fulgor selvagem cintilando em seus olhinhos apertados e mau Rubriz entrou no quarto e atrás dêle Choya viu uma figura sua conhecida: Leffingwell. Quer dizer que o velho ainda divisara uma última oportunidade para receber o seu dinheiro! O bandido gritou:

— Êle lhe contou umas coisas a seu respeito! Por isso êle será matado entre duas estacas ponte-agudas. Será açoitado...

Tonio empalidecera:

— Você não é o meu pai, meu sangue!

— Cães e gado tem sangue. — Gritou Rubriz, — mas nada pode destruir a estima que nutro por você. Quando você era pequenino, assinzinho, — e Rubriz fêz um gesto com as mãos como a medir o tamanho de Tonio quando garotinho, — e chorava de noite, eu deixava que você segurasse meu dedo e logo depois caia em um sono profundo. O meu coração sorria enquanto eu o espiava. — Algumas lágrimas corriam nos sulcos que os anos haviam esculpido no rosto do bandido. — Foi assim que o fiz meu filho.

— Você devia ter-me contado, Jefecito.

Rubriz colocou a mão na cabeça de Tonio.

— Mãe de Deus, faça-o compreender. Tudo o que roubei juro devolver... Arrependo-me de meus pecados... porque... porque um milagre dos céus me deu um filho. — A angústia de suas palavras forçou Choya a desviar o olhar. — Recorda-se, — continuou Rubriz, — de como você veio como um anjo ajudar-me quando o exército me perseguiu através do vale dos pinheiros?

Tonio soegueu a cabeça e o sorriso que iluminou a sua face era terno.

— Mas daquela vez quando me encurralaram em Saltillo, Jefecito você apareceu. Nós sempre nos salvamos mùtuamente. — Tonio colocou o seu braço em redor dos ombros de Rubriz, — já vergados pelos anos. — Deixe êste texano partir. Êle trouxe a sua história e as coisas continuam como antes. Deixe-o partir, Jefecito.

— Para que êle conte a outros e espalhe complicações? — Gritou. Mateo Rubriz. — Prendam-no. Negociarei com êle mais tarde.

Êles o prenderam na adega, mas Choya compreendia que a sua prisão não seria muito demorada, pois conseguiu ler a sua sentença de morte nos olhos fixos de seu carcereiro.

Mas, logo depois, os passos de Tonio se fizeram ouvir. Em um instante êle assomou à porta.

— Quero uma coisa que está no bolso do Yankee, Roberto... Um lapis de ouro... Vá tirá-lo para mim?

Quando o guarda deu meia-volta Tonio saltou e minutos depois conduzia Choya para uma saída, colocando um revólver em sua mão.

— Vá... e se esqueça do que sabe... Lá fora estão alguns cavalos...

— Você tem de vir comigo, — exclamou Choya firmemente. — Você é um Lavery... Tem um pai, u'a mãe e uma irmã... Ninguém será capaz de fazer isso mudar... — Então o revólver em sua mão foi soerguido. — Você, também, não o mudará... e voltará comigo para o Texas. De volta para casa...

As complicações começaram a surgir quando alcançaram o portão e um guarda viu o revólver. Uma fuzilada de tiros os perseguiu e o jovem Tonio foi atingido por um dêles, escorregando na sela. Ao se livrarem momentaneamente da perseguição, Choya examinou o seu ferimento.

— Está bem ruim. Onde podemos arranjar água quente?

— Em lugar algum. — Redargiu Tonio. — Não há refugio para você em lugar algum... Nêste momento já estão sendo feitos os sinais de fogo, e mil rifles já se preparam para abatê-lo... e desta vez eu não serei condes-

çendente. O dinheiro que você receberia por mim vale mais do que a sua própria vida?

Com uma fúria selvagem e fria, Choya apertou um pedaço de pano em torno de seu braço, impedindo a circulação do sangue.

— Cale-se! Você viajará calado ou eu o amarrarei todo... Nós vamos fugir.

No dia seguinte Choya já notava que a perseguição estava vindo de todos os lados. Do alto de uma colina conseguiu avistar Rubriz, Leffingwell e um guarda e também presenciou uma pequena onda de fumaça de uma pistola que terminou a traiçoeira vida de Leffingwell. Mas se isso lhe causou qualquer satisfação, não a demonstrou, devido à preocupação. A febre de Tonio aumentara. A sua ferida piorava de instante a instante. Encontrou uma grota que os esconderia por algum tempo e encarou o jovem.

— Você pode aguentar sòzinho até o anoitecer? Vou dar o fora, mas já pensei em modo de você ser achado... Você necessita de atenção.

Tonio o olhou assombrado.

— Por que você está fazendo isso, quando estamos a sòmente meio-dia de viagem da fronteira?

Choya virou-se abruptamente.

— Não posso receber um tostão poi um defunto. Dexairei o seu revólver com uma bala... Quando eu sair à noite, darei alguns tiros para os atrair... Você poderá dar o tiro para os orientar, quando êles estiverem próximos...

Tonio o olhou cuidadoso e pensativamente.

— Não creio que foi o dinheiro que o atraiu, Señor.

Choya se virou, com os lábios retorcidos em uma curva de amargura.

— Talvez por que eu esteja cansado ou minha sorte acabada, mas lhe digo que você tem uma irmã, Lavery. Ela explica tudo. O seu nome é Ruth e para ela sou o pior verme que você consiga achar nome para qualificar... Eu iria ser você, usando o seu nome e o seu dinheiro... Agora nem mais desejo ver o Texas novamente...

Tonio sorriu suavemente.

— Mas você tem de ir... porque eu vou... e não posso ir sòzinho. Eu chegarei lá, meu amigo.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... **Nº** ....

CIDADE .... **ESTADO** ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

O final foi um autêntico pesadelo, enquanto corriam e se escondiam, alcançando, finalmente, o Rio Grande. Os dias e as noites sem sono lhes roubara tôda a energia, de modo que foram duas figuras verdadeiramente Grand Guinolescas que, cobertas pela escuridão da noite, cairam por terra no alpendre da casa dos Laverys.

Choya abriu os olhos e olhou em seus arredores, vendo um dormitório já seu familiar, com as suas roupas em uma cadeira e os revólveres suspensos. Do umbral da porta o sorridente José exclamou:

— O bom doutor disse que o Sñor Richard estará curado em poucas semanas. Mas agora a família espera para vê-lo. Eu lhes direi que o senhor irá num minuto.

Choya se vestiu ràpidamente e caminhou pelo corredor, em direção ao lugar onde jazia o verdadeiro Richard Lavery. Choy sorriu para êle.

— Você está em casa, Compañero, e tudo agora está bem.

Atrás dêle, Mateo Rubriz sussurrou selvagemente.

— Vocês dois sairam do México sòzinhos... Agora também morrerão sòzinhos... Nêste revólver não existe assassínio, mas justiça. Quanto lhe pagaram por seu trabalho, Choya?

— Nada, — retrucou Choya. — Você e eu, Rubriz, nunca fazemos o nosso melhor trabalho por dinheiro. Lamento que você o odeie. Você significa tudo para êle... Eu, já representei o meu papel... Não faz mal...

Alguém se encostou à porta e Ruth perguntou:

— Quem está aí?

Choya respondeu ràpidamente:

— E' Choya, Ruth... Pôr favor, volte dentro de dez minutos... Estamos ocupados agora.

Quando ela saira, Rubriz disse, fitando os olhos miudinhos no rosto de Choya.

— Aquela moça... ela e você?

— Quando pessoas como você e eu, — murmurou Choya suave e filosóficamente, — amam u'a mulher, a melhor coisa a fazer é partir... — Então o seu pé foi de encontro a uma cadeira que êle lançou com tôda a fôrça da perna para cima do bandido, distraindo-o por um momento e tendo oportunidade de sacar o seu revólver. Ambos atiraram ao mesmo tempo e os seus tiros se encontraram no ar. O chumbo raspou o seu ombro, mas êle conseguiu manter-se de pé, cobrindo o bandido com a sua arma e notando ao mesmo tempo que o braço de Rubriz caia ao longo de seu corpo, paralizado.

Do lado de fora se ouviram gritos e passos que se aproximavam ràpidamente... Choya se afastou para o lado enquanto Lavery entrava com os seus homens.

— Não atirem nêsse homem. Êle não deve ser ferido... — Advertiu Choya.

— Você me poupa a vida para a fôrça, disse Rubriz, cuspindo.

— Você entende as coisas tôdas ao contrário, — sorriu Choya. — Êle estará de pé dentro de alguns dias, usando o Rio Grande como um meio de comunicação entre a sua família e você. Porque, então, se fala em fôrças?

— Será que pode ser assim? — Balbuciou Rubriz.

— Choya disse casualmente.

— Aqui está o seu revólver, Rubriz. — Então êle se virou e Ruth correu para êle, lançando-se em seus braços. Ela arfou ao ver o sangue, mas Mateo Rubriz tinha presença de espírito.

— Não é nada, señorita... nada além de uma ótima razão para que o Señor Choya fique em casa. — Então êle se virou e os lábios tocaram suavemente as faces de Tonio na cama. Um momento depois êle havia saido.

— Houve um curto silêncio e então Ruth disse:

— Pelo amor de Deus, como é que vão chamar-me? Snra. Choya?

Atrás dêles explodiu a gargalhada de Lavery, iluminando a sua face enrugada, enquanto reclinava a cabeça para trás e sorria ainda mais estrepitosamente. Choya virou-se e também sorriu. Êle não mais se sentia doente por dentro. Finalmente tudo estava bem!

(Tradução e adaptação de Antônio Rocha)

COLUNA DO FÃ

«DOUGLAS FAIRBANKS & ERROL FLYNN»

Para aquêles que frequentam cinema atualmente, existe sempre a dúvida para com aquêles que frequentam desde os velhos tempos do cinema mudo. Isto em relação a um duelo entre os dois maiores representantes no cinema dos filmes de capa e espada. Os cinemaníacos do cinema mudo dizem que Douglas Fairbanks foi e será sempre o maior, os fans da nova geração dizem ao contrário, acham Errol Flynn o super representante dêste gênero de filmes. Frequento cinema há cêrca de 30 anos e se não assisti a todos os filmes do velho Doug, pelo menos vi os melhores, quanto a Errol Flynn, conheço todos os seus trabalhos.

Fazendo confronto entre o saudoso Douglas e o sempre irrequieto Errol Flynn, compro poule no falecido Fairbanks, pois dos seus filmes, principalmente os que assisti, como «Pirata Negro», «Ladrão de Bagdad«, «Três Mosqueteiros», «Mocidade Americana», «O Supersticioso», «O Gaúcho», «Don Q, Filho do Zorro», «A Marca do Zorro», ainda não assisti no cinema cenas tão espetaculares e lutas cheias de acrobacias.

Apesar de Errol Flynn ser um bom ator neste gênero de filmes, prefiro compará-lo ao moço Douglas Fairbanks Jr. Se bem que o Jr. é um artista superior em qualquer outro gênero de filmes. Assisti ao filme «Sinbad, o Marujo» e apesar de ser um filme mais para a petizada, admirei as acrobacias de Douglas Jr., e, francamente, fiquei com saudades do seu pai.

Errol Flynn, de quem eu já assisti a filmes bons como «Aventuras de D. Juan», «Robin Hood», «Carga da Cavalaria Ligeira», não tem feito exclusivamente o gênero de filmes que Douglas Fairbanks fazia, isto porque a Warner tem procurado adaptar Errol em comédias, e filmes westerns.

E quando se trata de uma refilmagem de uma película em que o seu criador foi Fairbanks, Errol Flynn tem levado desvantagem. Assim foi em «Aventuras de D. Juan», e em «Robin Hood». Que o diga o veteraníssimo Alan Hale, companheiro de Douglas em uma série interminável de filmes, e que também faz sempre o suporte para Errol Flynn.

Douglas Fairbanks foi e será sempre o mais perfeito espadachim do cinema, muito embora o nosso amigo Basil Rathborne tenha as suas qualidades, o saudoso Douglas era mais acrobático, mais espetaculoso, e mantinha a platéia entusiasmada com os seus golpes e os seus saltos felinos.

No cinema, atualmente, existem bons espadachins, aí temos Basil Rathborne, Errol Flynn, Louis Hayward, Ronald Colman, Tyrone Power, Douglas Fairbanks Jr., etc., mas a coroa está nas mãos de Fairbanks, e a admiração dos seus fãs do tempo em que era vivo continua. E artistas como o velho Douglas, jamais será substituido na admiração dos seus fãs. Sua glória foi imortal.

DURVAL FONSECA

CHAPLIN

(*Continuação da pág. 5*)

dada à entrada dos jornalistas. E ali deixamos aquêle homem conhecido em todo o mundo onde sua silhueta amàvelmente redícula se tem feito querer de todos os povos. Não se recorda outro caso semelhante de devoção como a que desperta Chaplin. Esta condição do èxito a que se junta uma situação econômica folgada, fará com que cada vez mais possa ir o artista impondo suas teorias. E' um caso extraordinário o dêste intèrprete genial, que consegue pela primeira vez em tôda a história do cinema, a confiança dos produtores a quem lhes devolve, com abundantes impostos artísticos, os elevados interêsses com que êles sonham sòmente.



CABELOS BRANCOS
só tem quem quer
JUVENTUDE
ALEXANDRE
USA E NÃO MUDA,
quem os não quer



Glenn Ford, que conseguiu subjugar as grandes estrêlas da tela, inclusive a famosa Rita Gilda Hayworth, tem agora sob seu domínio a belíssima sueca Viveca Lindsfors em «The Flyng Missilex» (Destino às Nuvens). Isso na tela, porque na vida real continua fiel a Eleanor Powel...

Melodias para você

MÚSICA BRASILEIRA

EU SEI QUE ÊLE CHORA

Baião de Ismael Neto e Nestor de Holanda. — Gravado por Neusa-Maria

Ontem à noite meu bem foi embora,
Mas eu sei que hoje êle chora...
A quem ama com sinceridade,
Não se faz tamanha crueldade...

No entanto
Eu só merecia
Amor
E dedicação
Era só dêle meu coração...
A quem ama com sinceridade,
Não se faz tamanha crueldade...

★

VOCÊ NÃO PRECISA DELA

Samba de Bucy Moreira e Betinho — Gravado por Risadinha

Castiga
Você não precisa dela
Castiga
Não dê boa-vida a ela
Semp-e fica ameaçando
Prometendo lhe deixar
Quando chora arrependida
Você pede, você pede p'rá ficar.

II

Eu queria ter certeza
Sei agora com firmeza
Que você é um bobalhão
Embora sabendo que com uns e outros
Noite fora ela passa
E por mais que ela faça
Você sempre dá perdão

Breque: Castiga João.

★

MÚSICA MEXICANA

COBARDIA

Beguine

Con una queja en el alma,
hasta mi tierra llegué.
Con una queja en el alma
y allá en mi tierra te hallé.

Me hirieron tanto tus ojos
que me quitaron la fe.
Me hirieron tanto tus ojos,
que no te quise querer.

Yo sé que fué cobardia,
que tuve miedo de amar,
que son muy hondas las penas
que los amores me dan.
Con una queja en el alma
de aquel lugar me alejé,
sintiendo que me quisiste
y no te quise querer,
y no te quise.querer.

★

NO ME QUIERAS TANTO

Canción de Rafael Hernández. — Gravação de Luis Gonzaga. — Gravação de Chucho Martinez

Yo siento en el alma
Temer que desiste
Que mi amor se extingue
Como una pavesa
Y poquito a poco se queda sin luz.

Yo sé que te mueres
Cual pálido lirio
Y sé que me queres
Que soy tu delirio
Y que en esta vida
He sido tu cruz.

Ay! amor ya no me quieras tanto
Ay! amor no sufras más por mi
Si no más puedo causarte llanto
Ay! amor olvídate de mi.

Me da pena que sigas sufriendo
Tu amor desesperado
Yo quisiera que tú te encontrarás
De nuevo otro querer
Otro ser que te brinde
La dicha que yo no te he brindado
Y pode- alejarme de ti
Para nunca mais volver.
Ay! amor no me quieras tanto
Ay! amor no sufras más por mi
Si no más puedo causarte llanto
Ay! amor olvídate de mi.

★

MÚSICA ARGENTINA

TRISTEZA MARIÑA

Tango. — Gravado por J. Garcia y "Los Zorros Grises", Orquesta Tipica

I Parte

Tú quieres más al mar
me dijo con dolor,
Y el cris'al de su voz se quebró...
Recue·do su mirar
con luz de anochecer
Y esta frase como una obsesión:
"Tiene que elegir entre tu mar y mi amor".

Yo le dije no,
Y ella d.jo, adiós...
Su nombre era Margot
Llevaba boina azul
Y en su pecho colgaba una cruz...

II Parte

Mar...
Mar hermano mio.
Mar...
En tu inmensidad.
Hundo con mi barco carbonero
Mi destino prisionero
Y mi triste soledad.
Ma-...
Yo no tengo a nadie
Mar ya ni tengo amor.
Sé que cuando al puerto llegue un dia
Esperando no estará Margot.

I Parte (bis)

Mi pena es tempestad
que azota el corazón
con el viento feroz del dolor.
Jamás la olvidaré.
Y siempre escucharé
Sus palabras como una obsesión:
"Tienes que elegir entre tu mar y mi amor".

Triste dije, no.
Y escuché su adiós...
Su nombre era Ma got
Llevaba boina azul
Y en su pecho colgaba una cruz...

O CARTAZ DO MOMENTO



ELIZETE CARDOSO

DA-ME TUAS MÃOS

Samba de Erasmo Silva e Jorge de Castro — Gravação de Elizete Cardoso

I

Dá-me tuas mãos
os teus lábios eu quero beijar
deixa que eu veja os meus olhos
nos teus olhos
para que eu possa sonhar
Dá-me tuas mãos
meu olhar te procura em vão
pois quanto mais tu te afastas
mais padece o meu coração.

II

Quero que teus olhos me olhem
como te olham os meus
quero que êles sintam em meus [olhos
tudo que eu sinto nos teus
Dá-me tuas mãos
fica perto de mim por favor
Se tu. fores embora outra vez
amor eu morrerei de dor.

A PEDIDOS

THE MEN I LOVE

Fox de George e Ira Gershwin

Some day he'll come along
The man I love
And he'll be big and strong
The man I love
And when he comes my way
I'll do my best to make him stay
He'll look at me and smile
I'll undertand
And in a litle while
He'll take my hands
And though it seems absurd
I know well both won't say a word

Maybe I shall meet him Sunday
Maybe Monday maybe not
Still I'm sure to meet him one day
Maybe Tuesday, will be my good [news days
He'll build a little home
Just meant for twoo
From wich I'll never roam
Who would, would you?
And so all else above,
I'm waiting for the man I love.

ARQUIVO DE BROOKLYN JACK

VICENT PRICE

VINCENT PRICE, que algumas pessoas consideram um grande canastrão, e outras um ator extraordinário, nasceu em St. Louis, Montana, Estados Unidos, a 27 de maio de 1911. Depois dos estudos universitários atuou no teatro e acabou no cinema. De 1940 até hoje já apareceu numa série infinda de bons filmes e também em abacaxis tremendos. «O Filho dos Deuses», «O Renegado», «Canção de Bernadette», «Buffalo Bill», «Véspera de São Marcos», «Wilson», «Laura», «As Chaves do Reino», «Czarina», «Serviço de luxo», «Amar foi a minha ruina», «O Solar de Drogonwyck», «Choque», e mais êsse, e mais aquêle, foram os filmes que lhe deram fama. Agora vem aí em produções da RKO Radio, a que pertence a fotografia desta nota, aliás: essas películas são «His Kind of Woman», com Mitchum e Jane Russell, e «The Las Vegas Story», com Victor Mature e Jane Russell, depois de haver feito na França uma fita com Errol Flynn e Micheline Presle, «Blood Line», e de ter aparecido em «Os três mosqueteiros», da Metro, e outras fitinhas por aí... Price, em seu novo contrato com Howard Hughes, pretende dirigir filmes.

LUCILLE BALL

LUCILLE BALL nasceu em Butte, Mont, U.S.A, a 6 de agôsto de 1911. Antes de entrar para o cinema estudou música, sapateou e representou em revistas musicadas. Em Hollywood chegou em 1933 e até hoje apareceu em uma infinidade de películas de todos os gêneros, em várias companhias diferentes (United, Fox, RKO, Metro). Entre os seus sucessos mais significativos figuram: «Moulin Rouge», «Escândalos Romanos» (como uma das Goldwyn Girls, a exemplo de Betty Grable e Paulette Goddard...), «Roberta», «No Teatro da Vida», «O mundo se diverte», «Serviço de Luxo», «A Vida é uma Dansa», «Garôtas em Penca», «Du Barry era um Pedaço», «Rainha dos Corações», «Sem amor», «Ziegfeld Follies», «Algemas para dois», «Envolto na Sombra», «Quem manda é o amor», «Tormento de uma glória». Lucille Ball é um bocado simpática. Não diria que é bonita: mas sabe cativar. Tem uns lábios que tantalizam qualquer beócio, e mesmo tipos espertos... Lucille Ball, grande praça!... E talento nela é mato! Né, Lucille? Já foi casada e já se divorciou, também, como tôdas as pequenas americanas...

JACK BUETEL

JACK BUETEL nasceu em Dallas, Texas, Estados Unidos da América do Norte a 5 de setembro de 1917. Mede 6 pés de altura e pesa 160 libras. Tem cabelos prêtos e olhos azuis. Casou em abril de 1947 com Glória Bailey, de quem tem uma filha, Cynthia. Jack é filho de inglêses, irlandeses, franceses e alemães. Seu pai é presidente de uma companhia de seguros. A família queria que êle fôsse advogado, mas Jack desejava ser apenas um vaqueiro. Empregou-se na Loyalty Insurance Co., e de noite estudava arte dramática. Acabou representando reprises de peças levadas à cena na Broadway, isto lá mesmo «deep in the heart of Texas». Foi trabalhar no rádio e apareceu como radiator em várias novelas cretinas. Isto, é claro, levou-o ao sucesso. Descoberto por Zeppo Marx, venceu a concorrência para o papel de «O Proscrito», o famoso filme de Howard Hughes boicotado pela censura imbecil aqui e lá... O êxito de «O Proscrito» foi seguido pela abertura de clubes de fãs das garôtas-soquetes na América. Em maio de 1943 êle alistou-se no serviço naval e foi matar passarinho. Serviu até maio de 1946, sempre como soldado raso, o que mostra que êle é boa praça e não dá confiança a militarismo... Depois, sempre recebendo o salário sem fazer fôrça (o contrato que Hughes fêz com êle foi um negócio da China) passou o tempo nadando, jogando gôlf, tênis, gamão e buraco até que em 1950 foi chamado à ordem para trabalhar em outro «far-west» que a RKO afinal vai lançar agora em 1951, e que se chama «O Melhor dos Homens Máus», continuação da famosa série, como se vê. Jack é um pilantra fabuloso: gosta de sair de noite, ir a bailes, jantar supimpamente e brincar com a espôsa. Tem a mania de trabalhar no seu jardim e lê livros de história norte-americana. Gosta também de esportes.









ANNA MARIA PIERANGELI

ANNA MARIA PIERANGELI, que os americanos, práticos e preguiçosos, transformaram apenas em Pier Angeli, nasceu em Cagliari, na ilha da Sardenha, a 19 de junho de 1932. E', portanto, brotinho absoluto. Sua primeira experiência em cinema foi em «Amanhã é muito tarde», a grande realização do diretor Leonide Moguy sôbre o problema sexual dos adolescentes, e que veremos brevemente no Brasil em distribuição da Art. Em seguida Pier Angeli, orientada por Fred Zinneman apareceu em «Teresa», que a crítica norte-americana colocou nas alturas, e que a Metro nos dará breve. Ainda na Itália, Anna Maria, novamente sob as ordens do seu descobridor, Moguy, apareceu em «Amanhã é outro dia», filme que explora o problema do suicídio. Anna Maria é gêmea de Maria Luísa. Além do nome, há pouca similaridade entre elas: Maria Luísa é morena e o seu cabelo quase prêto. Anna Maria é muito versátil, embora ainda tão nova, e em cada um dos três filmes que interpretou viveu tipos completamente diversos com a mesma habilidade. Pier Angeli (dizem os ianques que, embora o seu nome completo seja muito poético, não é fácil de ser guardado pelos fãs, como qualquer nome muito comprido...) agora seguiu para a América, a fim de fazer um pequeno treinamento, para aparecer em novos filmes.



OSWALDO DA CUNHA

ARNALDO REBÊLO



ENCONTRA-SE novamente no Rio, o pianista Arnaldo Rebêlo, que vem de regressar de uma excursão conjunta com a cantora Alice Ribeiro, ao Estado de São Paulo. Foram visitadas pelos dois artistas várias cidades daquele Estado, dando assim início as suas atividades artísticas no primeiro semestre de 1951. As mais favoráveis possíveis foram as críticas referentes à atuação dos dois insignes artistas patrícios. No que diz respeito a Arnaldo Rebêlo, assim se expressou Ricardi, um dos mais acatados críticos da capital bandeirante: "grande habilidade de "toucher" e um mecanismo muito límpido de Arnaldo Rebêlo". O cronista de "A Tribuna", de Santos, escreve: "Arnaldo Rebêlo teve a seu cargo a interpretação de obras de Bach, Beethoven, Chopin, Widor, Mignone e Leopoldo Miguez, demonstrando mais uma vez suas excepcionais qualidades de pianista de alta classe". Depois de breve permanência nesta Capital, Arnaldo Rebêlo dedicará todo o segundo semestre do corrente ano a uma excursão individual ao norte do país, que mais uma vez visitará demoradamente, indo até ao Amazonas, seu Estado natal, onde sua presença vem sendo insistentemente reclamada. Seu primeiro recital no norte do país terá lugar em Fortaleza e será realizado por intermédio da Cultura Artística de Fortaleza, que pela quarta vez apresentará o pianista brasileiro aos seus associados. Em Pernambuco, Arnaldo Rebêlo provàvelmente participará como solista de um dos concertos a serem apresentados pela Orquestra Sinfônica de Pernambuco. Encerrando, finalmente, suas atividades artísticas em 1951, Arnaldo Rebêlo deverá reaparecer ainda êste ano ao público do Rio de Janeiro.

NOTICIÁRIO

YEHUDI MENUHIN, EM ISRAEL — Yehudi Menuhin estêve, recentemente, em Israel, realizando recitais em Jerusalém, Tel Aviv e Haifa. O seu primeiro concerto, no Tel Aviv Ohel Shem Hall foi muito elogiado pela crítica musical israeli. Nesse concerto, êle executou obras de Bach (Sonata em sol menor, para violino, solo), Beethoven (Sonata em dó menor), Prokofiev (Sonata em fá menor, composta em 1947), Paganini (Concêrto em ré maior). A crítica qualificou como o ponto mais alto do concerto, a interpretação da Sonata de Prokofiev (pela primeira vez executada em Israel). Foi, ainda, muito elogiada a atuação do pianista acompanhante, Robert Levin (a parte de piano é especialmente importante em algumas das obras executadas). ★ BOLSA DE ESTUDOS — Por proposta da Comissão Nacional de Cultura da República Argentina, o Govêrno do país amigo resolveu conceder uma bolsa de estudos à cronista musical patrícia Sheila Ivert, a fim de a mesma entrar em contacto com os centros de arte argentinos, onde, de certo, trabalhará, como é de seu feitio, em matéria de intercâmbio artístico entre os dois países. ★ O SOPRANO ITALIANO Lúcia Mero cantava «Madame Butterfly», num teatro de Milão. Num dos momentos culminantes da ópera a cantora caiu em cena e morreu. Os médicos do famoso soprano suspeitam de que a morte tenha sido devida a um extremo cansaço de Lúcia Mero que acabava de chegar de uma «tournée» pela América do Sul. ★ CONCÊRTO SINFÔNICO — Realizou-se 6a feira, 22 do corrente, sob a regência da maestrina Joanídia Sodré, um Concerto Sinfônico, no Salão Leopoldo Miguez, da Escola Nacional de Música. Atuou como solista o pianista Mário Neves.

Pausa para meditação



JEHUDIT CZARNOCHA — (Foto Nodgi)

GLOSSÁRIO CINEMATOGRÁFICO

HUGO SCHLESINGER

(Cont. do número anterior)

«FADE OUT» — O desaparecimento gradual da imagem, de sôbre a tela, da sua claridade plena para a escuridão total. Empregada para indicar o filme de uma sequência.

FANTASCÓPIO — Aparelho de um conjunto de lentas deslocáveis, que dava ilusão do movimento da própria imagem

FANTASMAGORIAS — Figuras terríveis, mórbidas e macabras.

«FEATURE FILM» — inglês. Term para filmes de mais de mil metros, explorados comercialmente.

FENAQUISTICÓPIO — Visão ilusória, enganadora das coisas. Aparelho inventado por Planteau e Horuer.

F.I.C.C. — Federação Internaciona dos Clubes de Cinema.

FILMAGEM — Ato ou ação de filmar

FILME — Película, tira de celuloid sôbre a qual são fixadas negativos o positivos fotográficos; película cinematográfica.

FILMOTECA — Coleção de películas cinematográficas; local onde são guardadas películas cinematográficas.

FILTRO — Pedaço colorido de gelatin vidro ótico, que permite a passagem de luz com determinado comprimento de ondas, retardando ou absorvendo as demais.

FIXADOR — Banho em que se dissolvem os sais de prata do negativo, tornando-o insensível a luz.

FLASH — «Relâmpago» — em inglês Lâmpada que utiliza o magnésio par iluminação artificial.

FLOU — Falta de nitidez, propositalmente conseguida para obtenção de efeitos artísticos.

FOCALIZAÇÃO — Ajustamento das distâncias relativas entre o assunto, a lente e a película.

FONO — Prefixo designativo de «som»

FONOCINEMATOGRAFIA — Cinematografia sonora.

FONO FILMAGEM — Apanhar ou produzir filmes sonoros.

FOTO — Abreviação de fotografia.

FOTOCROMIA — Fotografia colorida; arte de produzir fotografias coloridas.

FOTOGÊNICO — Que se presta a fotografia.

FOTOGRAFAR — Reproduzir imagens por meio de fotografia.

FOTOGENO — Diz-se de uma substância que emite luz por luminescência.

FOTOGRAFIA — Processo de formar e fixar uma imagem de um objeto, por ação química da luz sôbre uma chapa ou película sensibilizada.

FOTOGRAMA — Quadrinha de um filme cinematográfico.

FOTOMACROGRAFIA — Fotografia de objetos minúsculos, mediante tubos de estenção e objetivas de distância focal muito longa.

FOTÔMETRO — Instrumento destinado a medir a intensidade da luz.

(Continua no próximo número)

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

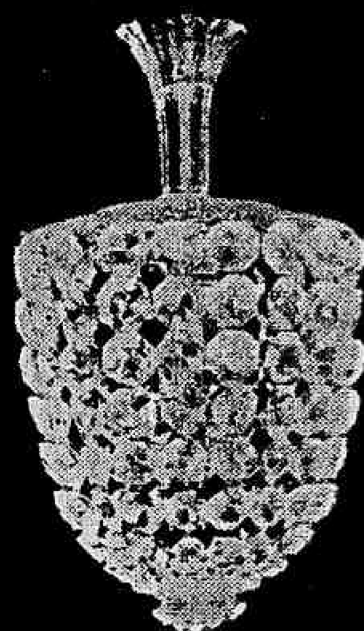
NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

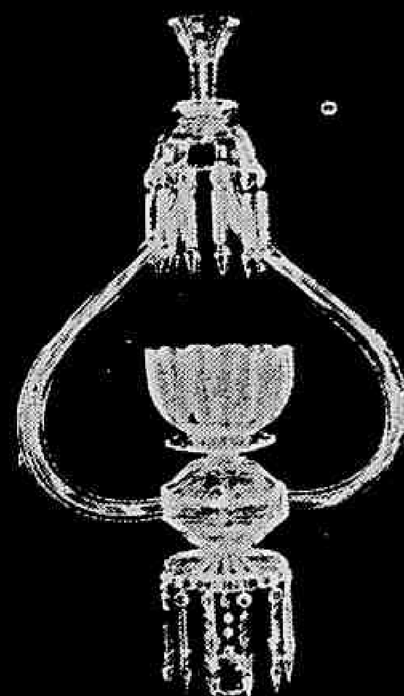
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

GALERIA SÃO PEDRO

AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428

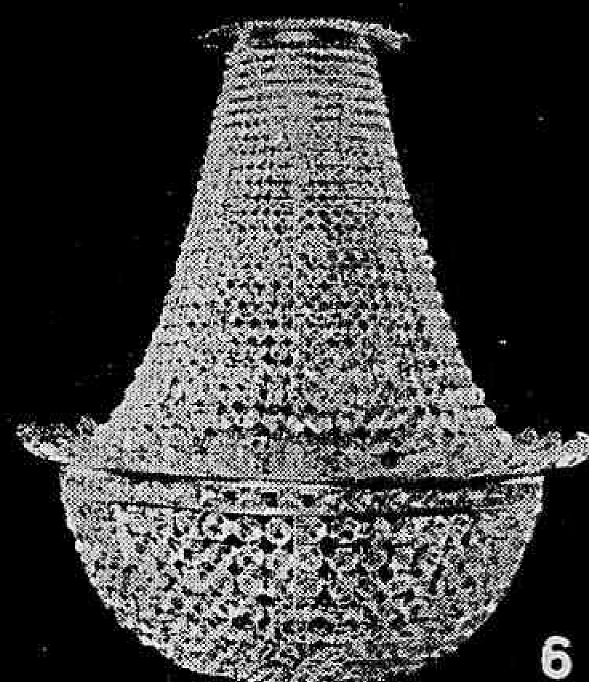

1

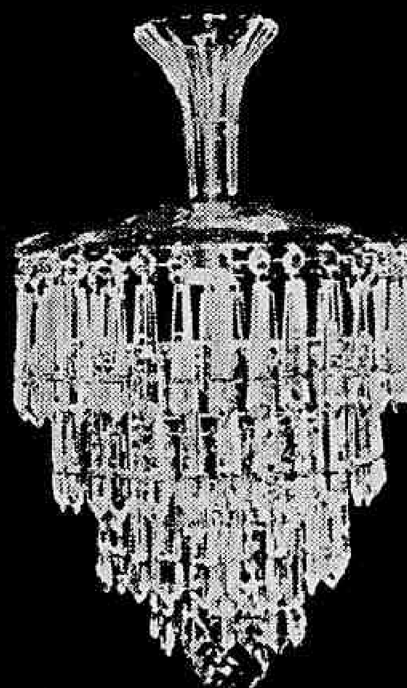

2

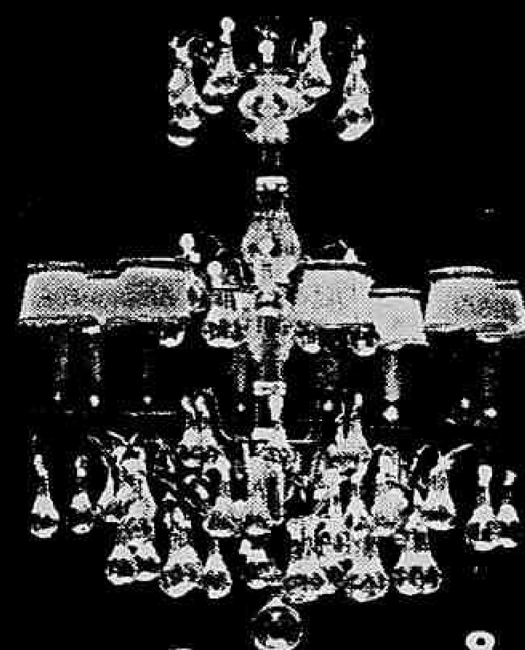

3


4

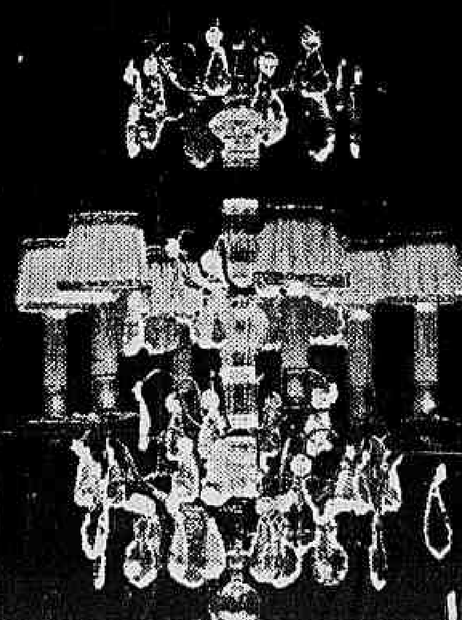

5

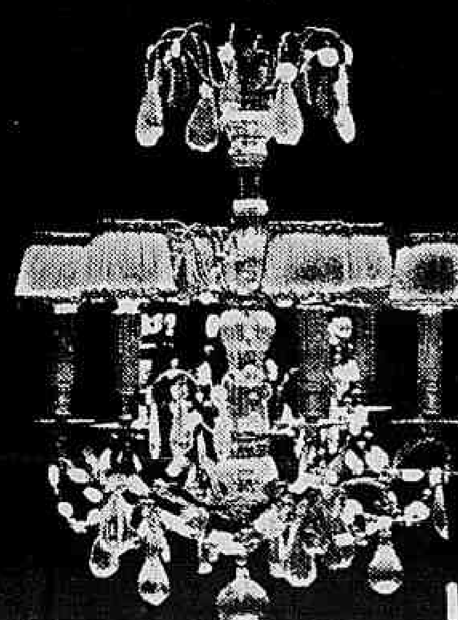

6


7


8


9


10


11


12

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTA MENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDR O onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEM BOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.

SABONETE - TALCO - OLEO
CREME DENTAL - COLONIA - BATON
PÓ FACIAL - BRILHANTINA



BIO HEPAX - MURUROL
POMADA SÃO SEBASTIÃO
GUARAMIDINA